

HADINEI RIBEIRO BATISTA

UAI: ESTUDO DE UMA INTERJEIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2013

HADINEI RIBEIRO BATISTA

***UAI*: ESTUDO DE UMA INTERJEIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Jânia Martins Ramos.

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

**UAI: ESTUDO DE UMA INTERJEIÇÃO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

HADINEI RIBEIRO BATISTA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Aprovada em 17 de julho de 2013, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Jania Martins Ramos - Orientador
UFMG

Prof(a). Ataliba Teixeira de Castilho
USP

Prof(a). Márcia Cristina de Brito Rumeu
UFMG

Belo Horizonte, 17 de julho de 2013.

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

B326u Batista, Hadinei Ribeiro.
Uai [manuscrito] : estudo de uma interjeição do português brasileiro / Hadinei Ribeiro Batista. – 2013.
117 f., enc. : il., p&b.

Orientadora: Jânia Martins Ramos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 110-116.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Língua portuguesa – Interjeição – Teses. 3. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 4. Língua portuguesa – História – Teses. 5. Mudanças lingüísticas – Teses. I. Ramos, Jânia Martins. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798

À minha mãe, Alice, e ao meu
grande amigo Gilmar.

Agradeço IMENSAMENTE

à minha orientadora Professora Dra. Jânia Martins Ramos.

Ao POSLIN – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

À FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

À Professora Dra. Heliana Mello.

À Professora Dra. Maria do Carmo Viegas.

Ao meu grande amigo Gilmar Edson Jacques.

Ao meu colega de mestrado, Marco Aurélio Cunha Camargos.

RESUMO

Esta pesquisa toma como objeto de estudo o item 'uai'. Busca-se investigar dois temas em relação a esse item: a) apresentar um estudo sobre seu estatuto gramatical e discursivo; e b) discutir algumas hipóteses sobre sua origem. Para tanto, é feita, inicialmente, uma discussão sobre interjeições e marcadores discursivos. Em seguida, é desenvolvida uma análise sobre a variação de 'uai' com as formas 'ué/uê'. Sobre a origem, investiga-se a hipótese de 'uai' ter surgido a partir de uma evolução diacrônica do vocábulo 'olhai'. Além disso, é feita uma discussão sobre outras hipóteses, independentemente de terem sido atestadas em estudos acadêmicos ou não, sobre a possibilidade da origem de 'uai' ter ocorrido via empréstimo linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Mudança linguística; Interjeição; Marcador Discursivo.

ABSTRACT

This research takes as its object of study the item 'uai'. The purpose is to investigate two issues in relation to this item: a) to present a study about its grammatical and discursive status, and b) to discuss some hypotheses about its origin. For both, it is initially made one discussion about interjections and discourse markers. Then, it is developed one analysis of the variation between 'uai' and the forms 'ué/uê'. About the origin, it is investigated the hypothesis of 'uai' has emerged from a diachronic evolution of the word 'olhai'. Beyond this, it is made a discussion of other hypothesis, independently of they have been attested in academic studies or not, about the possibility of the origin of 'uai' has occurred through borrowing language.

KEY WORDS: Variation; Linguistic change; Interjection; Discourse Marker.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	8
LISTA DE DIAGRAMAS.....	8
LISTA DE GRÁFICOS	8
LISTA DE TABELAS	8
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: INTERJEIÇÃO: ESTATUTO GRAMATICAL	11
1. Introdução.....	11
2. Interjeições.....	12
2.1 Nas gramáticas normativas	12
2.2 Em dicionários em geral	14
2.2.1 Em dicionários de linguística	16
2.3 Nos estudos linguísticos atuais	18
2.4 Das propriedades	24
2.5 A interjeição forma ou não uma classe de palavras?.....	26
3. Marcadores discursivos	26
3.1 Processos de formação.....	27
3.2 Critérios de identificação de marcadores discursivos no português brasileiro.....	29
4. Conclusões	34
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: VARIAÇÃO DE 'UAI' COM AS FORMAS 'UÉ/UÊ'	38
1. Introdução.....	38
2. A abordagem variacionista laboviana	38
3. 'Uai' e 'ué/uê': variantes de uma mesma variável linguística	41
4. A amostra	45
4.1 Descrição do corpus.....	45
5. As variáveis	47
5.1 Variável dependente	47
5.2 Variáveis independentes	47
5.2.1 Fatores internos	47
5.2.2 Fatores externos.....	49
6. Análise dos resultados.....	49
6.1 Fatores individuais.....	50

6.2. Cruzamento entre os fatores	55
7. Conclusões	69
CAPÍTULO III: EMERGÊNCIA DAS INTERJEIÇÕES: UMA HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM	
DE ‘UAI’	71
1. Introdução.....	71
2. Abordagens filológicas sobre a origem das interjeições	71
3. Abordagens formais sobre a origem das interjeições.....	74
4. Investigando a origem de ‘uai’	76
5. Conclusões	81
CAPÍTULO IV: ORIGEM DE ‘UAI’: INVESTIGAÇÃO DE ALGUMAS HIPÓTESES	82
1. Introdução.....	82
2. Investigação das hipóteses	83
2.1 Empréstimo britânico	83
2.1.1 Mina de Morro Velho: o cotidiano dos trabalhadores.....	84
2.1.2 Empréstimos: casos registrados.....	86
2.1.3 ‘Uai’: possíveis percursos.....	87
2.2 Dos italianos	93
2.3 Dos espanhóis	96
2.4 Dos japoneses	98
2.5 Dos alemães.....	99
2.6 Dos portugueses.....	100
2.7 Dos índios.....	102
2.8 Origem provincial.....	104
2.9 Português rústico: o item ‘guai’	106
3. Conclusões	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Definições de interjeição em gramáticas.....	12
QUADRO 2: Exemplificação de algumas interjeições do português brasileiro.....	14
QUADRO 3: Definições de interjeição em dicionários.....	15
QUADRO 4: Agrupamento das formas interjetivas em diferentes autores com base em GONÇALVES (2002).....	21

LISTA DE DIAGRAMAS

DIAGRAMA 1: Propriedades das interjeições.....	25
DIAGRAMA 2: Propriedades dos marcadores discursivos.....	33
DIAGRAMA 3: Cruzamento entre propriedades das interjeições e dos marcadores discursivos: plano formal.....	34
DIAGRAMA 4: Cruzamento entre propriedades das interjeições e dos marcadores discursivos: plano funcional.....	35
DIAGRAMA 5: Possibilidades de empréstimo do inglês britânico.....	91
DIAGRAMA 6: Escala comparativa de traços fônicos e semânticos entre <i>uai</i> e itens ingleses.	91

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à faixa etária.....	51
--	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição no turno.....	48
TABELA 2: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição na sentença.....	49
TABELA 3: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao contexto de negação....	49
TABELA 4: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao sexo/gênero.....	50
TABELA 5: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao nível de escolaridade...	50
TABELA 6: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à faixa etária.....	51
TABELA 7: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao domínio discursivo.....	52
TABELA 8: Distribuição das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao domínio da interação...	53
TABELA 9: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição na sentença e ao	

sexo gênero dos informantes.....	54
TABELA 10: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição na sentença e à escolaridade dos informantes.....	55
TABELA 11: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição na sentença e à idade dos informantes.....	56
TABELA 12: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição na sentença e à interação	57
TABELA 13: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição na sentença e ao domínio discursivo.....	57
TABELA 14: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição no turno e à escolaridade dos informantes.....	58
TABELA 15: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição no turno e ao sexo/gênero dos informantes.....	59
TABELA 16: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição no turno e à idade dos informantes.....	60
TABELA 17: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição no turno e à interação.....	61
TABELA 18: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à posição no turno e ao domínio discursivo.....	61
TABELA 19: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao sexo e à idade dos informantes.....	62
TABELA 20: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao sexo e à interação.....	62
TABELA 21: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao sexo e ao domínio discursivo.....	63
TABELA 22: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto ao sexo e à escolaridade dos informantes.....	64
TABELA 23: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à escolaridade e à idade dos informantes.....	65
TABELA 24: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à escolaridade e à interação.....	66
TABELA 25: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à escolaridade e ao domínio discursivo.....	66
TABELA 26: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à idade e à interação.....	67
TABELA 27: Cruzamento das ocorrências de <i>uai</i> e <i>ué/uê</i> quanto à idade e ao domínio discursivo.....	68

INTRODUÇÃO

O item ‘uai’ tem sido alvo de algumas polêmicas dentro e fora do âmbito acadêmico. As indagações giram em torno de seu uso, de sua origem e de sua distribuição dialetal. Nesta dissertação, o enfoque recai sobre seu estatuto gramatical e discursivo e sobre sua origem.

Tradicionalmente, ‘uai’ é definido como uma interjeição que indica ‘surpresa’ ou ‘espanto’. Porém, alguns estudos acadêmicos têm mostrado que sua função na conversação espontânea é de natureza complexa. A presente pesquisa tem como objetivo principal descrever o estatuto gramatical e discursivo desse item com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1968). Além disso, busca-se investigar e discutir algumas hipóteses relacionadas a sua origem.

Esta dissertação foi organizada em quatro capítulos, descritos a seguir. No capítulo I, busca-se comparar interjeições e marcadores discursivos com o propósito de demonstrar que essas duas categorias não parecem configurar classes disjuntas. Tal discussão é necessária para que se possa analisar, no capítulo II, a variação do item ‘uai’ com as formas ‘ué/uê’. Nesse capítulo, à luz da Teoria da Variação e Mudança, toma-se, como variável, a forma ‘uai’ e, como variantes, os itens ‘uai’, ‘ué’ e ‘uê’. Esses itens são investigados em relação a fatores linguísticos e extralinguísticos e submetidos ao pacote estatístico Varbrul, versão Goldvarb (2001). O capítulo III destina-se a uma análise da hipótese de Amaral (1976) de que a origem de ‘uai’ decorreu de uma evolução diacrônica do vocábulo ‘olhai’. Por fim, o capítulo IV apresenta uma discussão sobre outras hipóteses que dizem respeito à possibilidade de ‘uai’ ter tido sua origem via empréstimo linguístico. Na conclusão apontamentos novos desdobramentos em relação ao tema das interjeições.

CAPÍTULO I

INTERJEIÇÃO: ESTATUTO GRAMATICAL

1. Introdução

Os estudos sobre interjeições não são nada recentes e este tema está longe de ser uma questão resolvida. No período entre a Idade Média até a primeira metade do século XX, os questionamentos geraram em torno do estatuto léxico-sintático da interjeição e de sua natureza emotiva (GONÇALVES, 2002, pp. 53-89). A partir de então, as indagações se ampliaram. Nesse período, diferentes abordagens levantaram algumas inquietações (ainda sem respostas precisas) para o fenômeno interjetivo. Dentre elas, temos: (i) Se a interjeição é um ato do discurso; (ii) Se a interjeição é um fenômeno próprio da modalidade oral; (iii) Se a interjeição é um marcador conversacional; (iv) Se possui *status* morfossintático e/ou textual discursivo.

A questão (iii) constitui o objeto deste capítulo, que será dividido em quatro seções. Na seção 2, reservada para as interjeições, será feita uma comparação entre definições apresentadas em gramáticas normativas e em dicionários de língua portuguesa. A seguir, será apresentada e discutida uma descrição das propriedades fonológicas, sintáticas e lexicais das interjeições, a partir da investigação em dicionários de linguística. Por fim, será feita uma síntese da bibliografia recente sobre o tema. Na seção 3, serão apresentados e discutidos alguns processos de formação e critérios de identificação dos marcadores discursivos. A seção 4 será destinada às conclusões. O propósito aqui é argumentar a favor de que interjeições funcionam como

marcadores discursivos, reunindo evidências para, no capítulo II, analisar as interjeições 'uai', 'ué' e 'uê', presentes no português brasileiro.

2. Interjeições

2.1 Nas gramáticas normativas

Gramáticas gregas e latinas já se preocupavam com o fenômeno interjetivo. Nas gramáticas gregas de Dionísio da Trácia e Apolônio Díscolo, as interjeições não eram consideradas uma categoria independente. A proposta desses autores em dividir o complexo sistema linguístico em *partes orationis* incluiu as interjeições na classe dos advérbios (GONÇALVES, 2002, pp. 47-48). Mais tarde, os latinos – Varrão e Carísio – propuseram uma divisão em que as interjeições passaram a configurar uma classe independente devido a sua função específica de exteriorizar um estado emotivo do falante. Varrão referia-se à interjeição como *particula interiecta* pelo fato de expressar estados súbitos da alma, oferecendo a base para a definição etimológica da palavra (GONÇALVES, 2002, pp. 49-50). O quadro abaixo reúne algumas definições mais recentes do fenômeno interjetivo.

QUADRO 1 – Definições de interjeição em gramáticas

GRAMÁTICO	DEFINIÇÃO DE INTERJEIÇÃO
Barbosa (1881)	“As interjeições são umas partículas desligadas do contexto da oração, exclamativas e pela maior parte monosyllabas e aspiradas, que exprimem os transportes da paixão com que a alma se acha ocupada.” (p. 70)
Pereira (1922)	“É a palavra invariável que exprime os affectos vivos e súbitos da alma, como a dor, a alegria, o espanto etc.(...) Classificam-se em simples ou compostas: ai!, coitado de mim!. (...) Há interjeições imitativas de ruídos.” (p. 104-105).
Ribeiro (1923)	“A Interjeição é mais phrase do que simples vocábulo. É expressão breve da emoção, do sentimento: oh!, ui!, muito bem!, caluda!.” (p.37)

GRAMÁTICO	DEFINIÇÃO DE INTERJEIÇÃO
Carneiro Ribeiro (1950)	“ <i>Interjeição</i> é uma espécie de grito, de que usamos, para exprimir as paixões, os sentimentos subitos de nossa alma. (...) As interjeições tiram todo o seu valor significativo, toda a sua força da expressão do accento, que as anima e vivifica, tornando-se impossível imitá-las. (...) Na classe das interjeições estuda-se uma espécie particular de signaes, a que se dá o nome de onomatopéas”. (p. 259-260)
Melo (1970)	“INTERJEIÇÃO é a voz expressiva de emoções, apelos ou idéias mal estruturadas...” (p. 80)
Cunha & Cintra (1985)	“Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções (...). A mesma reação pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entonação”. (p. 577).
Bechara (2001)	“Interjeição — É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações.” (p.330)

FONTE: Batista (2009, p.22) – adaptado

Nessas definições predominou o caráter semântico cujo núcleo permeia a função de expressar as irrupções emocionais do falante. Verifica-se que Barbosa (1881) já propunha que o fenômeno interjetivo fosse analisado sob diferentes aspectos: semânticos, formais, fonéticos e prosódicos. Em Pereira (1922), observa-se uma retomada das definições de seus precedentes e uma divisão da classe das interjeições, incluindo, como subgrupo destas, as imitativas de ruídos. Ribeiro (1923) introduz a noção de vocábulo-frase e destaca a natureza derivacional das interjeições, as atuais conhecidas interjeições secundárias: ‘muito bem!’, ‘caluda!’, etc. Em Carneiro Ribeiro (1957), encontra-se uma separação explícita entre interjeições e onomatopeias. De acordo com autor, as onomatopeias constituiriam um subgrupo das interjeições, pois, diferente destas, representam sons imitativos. Melo (1970) apresenta uma posição mais radical. O autor define interjeição como uma 'voz', ou seja, fenômeno que ainda não atingiu condição de palavra. Para esse autor, as interjeições não podem, a rigor, capitular entre as classes de palavras. São meros gritos sem intenção comunicativa e não pertencem à linguagem propriamente dita.

Cunha & Cintra (1985:76-77) optaram por excluir das classes de palavras o fenômeno interjetivo pelo fato deste não possuir significado referencial ou relacional. Em nota de rodapé (CHUNHA & CINTRA, 1985:577), os autores definem as interjeições como gritos instintivos equivalentes a frases emocionais. Mesmo assim, os autores apresentam uma classificação das interjeições de acordo com o sentimento que denotam, listando tanto interjeições consideradas primárias (ah!, ui!) quanto secundárias (vamos!, silêncio!), além de locuções interjetivas. Bechara (2001) apenas reafirma a noção tradicional de que a interjeição é uma palavra-frase.

O quadro a seguir apresenta uma listagem de um subconjunto de interjeições do português brasileiro de acordo com alguns gramáticos.

QUADRO 2 – Exemplificação de algumas interjeições do português brasileiro

GRAMÁTICO	CLASSIFICAÇÃO	INTERJEIÇÃO OU LOCUÇÃO INTERJECTIVA
Carneiro Ribeiro (1950: 259-262)	Expressar paixões	ha!, ui!, hou!, fora!, arre!, arrelá!, caspite!, chiton!, tá!, ápage!, hom'essa", tomara eu!
Bechara (1968:203)	Admiração, apelo, impaciência	ah!, oh!, ó!, olá!, alô!, psit!, psiu!, arre!, irra!, apre!, puxa!
Cegalla (1985:253)	Advertência, dúvida, animação, desapontamento	cuidado!, olha!, hum!, eia!, sus!, upa!, ué!, uai!
Rocha Lima (2003: 189)	Alegria, desejo, dor, silêncio	ah!, oh!, olá!, oxalá!, tomara!, ai!, ui!, psiu!, caluda!

2.2 Em dicionários em geral

A etimologia da palavra interjeição está, de alguma forma, presente em todas as definições dos lexicógrafos. Segundo Nascentes (1932, p. 432), interjeição vem do latim 'interjectione' que significa 'atirar no meio'; 'palavra que se solta no meio do discurso'. O

quadro abaixo mostra alguns dicionários de língua portuguesa e um dicionário de língua inglesa com suas respectivas definições da palavra interjeição.

QUADRO 3 – Definições de interjeição em dicionários

Procter(1995)	In grammar an interjection is a word which is used to show a short sudden expression of emotion: “Hey” is an interjection.
Michaelis(1998)	GRAM Palavra ou voz que exprime de modo enérgico e conciso os sentimentos súbitos da alma, tais como alegria, dor, admiração, medo etc.
Aurélio(1999)	Palavra ou locução com que se exprime um sentimento de dor, de alegria, de admiração, de aplauso, de irritação, etc.
Fernandes(2001)	s.f. voz, palavra ou locução que indica sentimentos súbitos, espontâneos; exclamação.
Houaiss(2009)	GRAM palavra invariável ou sintagma que formam, por si sós, frases que exprimem uma emoção, uma sensação, uma ordem, um apelo ou descrevem um ruído (p.ex.: psiu!, oh!, coragem!, meu Deus!). Há interjeições de vários tipos... que ocorrem de modo mais ou menos espontâneo... a) as que praticamente não apresentam caráter vocabular...; b) aquelas que apresentam sons articulados... 2) aquelas que originam de um uso interjetivo (...) de palavras previamente existentes...
Aulete¹	Gram. Palavra ou locução que expressa ordem, apelo, emoção, sensação, etc. ou descreve um ruído. Há interjeições que são meros gritos ou emissões acústicas com valor expressivo como ó!, ui!... outras são palavras contratas ou frase elípticas, como oxalá!, ... por Deus!

De modo geral, os dicionários compartilham o mesmo conteúdo apresentado nas gramáticas normativas, que o núcleo semântico de uma interjeição é a expressão de sentimento ou emoção súbita. Do ponto de vista formal, a maioria reconhece, entre outros aspectos, que a interjeição é também uma ‘voz’, ou seja, algo que não atingiu o nível de palavra. Somente Procter (1995) e Aurélio (1999) deixaram de expressar essa informação. A comparação das definições mostra que, do ponto de vista morfossintático, não há uniformidade nessa categoria,

¹ www.aulete.com.br. Acessado em: nov/2012.

pois se lê que algumas interjeições se originam de palavras existentes ou são constituídas de locuções e outras praticamente não apresentam ‘caráter vocabular’. Ressalta-se também a distinção entre uso de uma palavra e uso interjetivo de uma palavra. Mais adiante, comentaremos essa distinção.

2.2.1 Em dicionários de linguística

Dicionários de linguística, embora não apresentem grandes diferenças em relação aos demais dicionários sobre o tratamento dado ao fenômeno interjetivo, oferecem tipologias definidas com base em aspectos formais, fonológicos e semânticos.

Em Carreter (1968, p. 243) tem-se:

Interjeição: signo que pode contradizer as leis fonológicas de uma língua (espanhol *uf, paf*), e também possuir uma estrutura fonológica correta (*ay, oh*), sem valor gramatical, que desempenha as funções lingüísticas de um modo elementar. Há, portanto, **interjeições apelativas** (*eh, chist, ps*), **expressivas** (*oh, ah, ay*) e **representativas** (*zas, paf, pum*). Estas últimas são, às vezes, verdadeiras onomatopéias.

Essa definição inclui, no rol das interjeições, as onomatopéias e apresenta uma descrição a partir de critérios fonológicos e funcionais. Entretanto, não fica clara a distinção entre estrutura fonológica correta e ‘incorreta’, já que a constituição de ‘uf’ e ‘oh’, do ponto de vista fônico, é a mesma, ou seja, vogal e consoante. Outra observação importante refere-se à divisão das interjeições em apelativas, expressivas e representativas. Trata-se de funções semântico-discursivas cujos exemplos não demonstram uma separação nítida entre elas. De acordo com o dicionário Aulete², tanto “eh³” quanto “oh⁴” podem exprimir admiração. Em relação às

² www.aulete.com.br. Acesso em dez/2012.

³ eh - Interj. expressa dúvida, indecisão, protesto, prevenção ou admiração.

⁴oh – Interj. expressa dor, surpresa, admiração, desejo, etc.

representativas, questiona-se como desuni-las das demais já que nem todas são verdadeiras onomatopeias.

Em Câmara Júnior (1984, p. 147) tem-se:

INTERJEIÇÃO — Palavra que traduz, de modo vivo, os estados d'alma. É uma verdadeira palavra-frase, pela qual o falante, impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada. As interjeições são palavras especiais e se distinguem das EXCLAMAÇÕES, vocábulos soltos, emitidos no tom de voz exclamativo, ou frases mais ou menos longas que em regra começam pelas partículas *que, como, quanto, quão*, e constituem orações de um tipo especial, ou fragmentos de oração, ou monorrema. Exs.: *Admirável!* — *Que quadro de amarguras!*

As interjeições são de três tipos: a) **certos sons vocálicos**, que na escrita se representam de uma maneira convencional fixa; ex.: *ah!* — *oh!* (onde a letra h em posição final marca uma aspiração pós-vocálica, que só aparece em português nesse caso); b) **verdadeiros vocábulos**, já no domínio da língua; ex.: *arre!* — *olá!*; c) **uma locução interjectiva**; ex.: *ora bolas!* — *valha-me Deus!* (grifo meu)

Nessa definição, o autor, além de reconhecer a interjeição como uma palavra equivalente a uma frase, afirma haver distinção entre palavras especiais – interjeições – e as exclamações. O autor não explicita a diferença entre essas duas categorias, porém infere-se do vocábulo ‘especiais’ o comportamento sintático-discursivo peculiar das interjeições e sua natureza composicional diversificada: meros sons, verdadeiros vocábulos ou locuções com função bastante específica. Essa diferença entre meros sons e verdadeiros vocábulos é também muito intrigante já que os primeiros apresentam forma gráfica convencional. No entanto, os chamados ‘meros sons’ encontram-se fora do domínio da língua por apresentarem grafia que foge aos padrões gramaticais do idioma. Outro destaque é a aparente contradição entre verdadeiros vocábulos e palavras especiais. Apesar dos primeiros estarem de acordo com os padrões morfofonológicos do português, eles possuem comportamento sintático-discursivo equivalentes ao do subconjunto ‘meros sons’. Diferentemente de Carreter (1968:243), o autor agrupou as interjeições considerando apenas os aspectos formais. Se palavras ou fragmentos de orações

podem ser uma interjeição, cabe questionar até que ponto elas, de fato, distinguem-se das exclamações, estas definidas como 'vocábulos soltos', emitidos em tom de voz exclamativo.

2.3 Nos estudos linguísticos atuais

Na bibliografia linguística, há várias abordagens que tratam de interjeições ao longo do século XX. A seguir, será apresentado um breve resumo das principais propostas de alguns estudiosos nessa área.

Ameka (1992:101-118) define e classifica diferentes tipos de interjeições de acordo com critérios formais e semânticos. A autora argumenta que o termo 'interjeição' deva ser reservado para a classe de palavras, e que o nível frasal ou sentencial das interjeições deva ser analisado junto com outros tipos, como o das exclamativas.

Em seu trabalho, ela distingue interjeições primárias e secundárias, embora importe pontuar que tal separação já havia sido proposta por Bloomfield (cf. GONÇALVES, 2002:79). Como interjeições primárias entendem-se pequenas palavras ou 'não-palavras' que possuem autonomia comunicativa e não entram, normalmente, em construções com outras classes de palavras. Tendem ser fonológica e morfologicamente anômalas, ou seja, apresentam sequências de sons estranhas ao que é comum e convencional na língua, e também não possuem paradigma flexional ou derivacional. Já as interjeições secundárias seriam aquelas derivadas de outras classes.

Sobre a divisão entre interjeições e onomatopeias, Ameka argumenta tratar-se de categorias distintas. A proposta é separá-las em duas classes: a) classe gramatical, a das interjeições e b) classe fonológica, as onomatopeias por serem representativas de sons. Mesmo

assim, afirma haver interjeições onomatopaicas devido a sua motivação sonora icônica, assim como existem verbos onomatopaicos, como 'ciciar'.

Do ponto de vista semântico, a autora divide as interjeições em três tipos: 'expressiva', focada no estado mental do falante; 'conativa', centradas no desejo do falante ou direcionadas para o interlocutor; e 'fática', que checa o estabelecimento de contato comunicativo. As primeiras podem ser emotivas ou cognitivas, expressando sentimentos (ai!) ou estados do pensamento (aha!). As segundas visam provocar reações sobre o interlocutor, como 'sh!' em solicitações de silêncio. E as fáticas servem para manter ou estabelecer o contato comunicativo, como 'uhum!'.

Ressalta-se que, dentre as interjeições, a autora cita aquelas que sempre ocorrem seguidas de um enunciado, funcionando como conectores ou marcadores discursivos. Porém afirma que o inverso, conectores desempenhando função autônoma, não é atestado. Mais adiante, é feita uma distinção entre partículas, interjeições e marcadores discursivos. Partículas seriam elementos dependentes sintaticamente, sem conteúdo proposicional e, geralmente, desempenham função modalizadora, como 'quase'. As interjeições, diferentemente, seriam dotadas de autonomia sintático-semântica. Já os marcadores discursivos seriam uma categoria funcional, frouxamente integrados à gramática da sentença e com função pragmática relacional entre o que foi dito antes e o discurso subsequente. Apesar das diferenças, a autora afirma que tanto as partículas quanto as interjeições podem desempenhar papel de marcador discursivo.

Wierzbicka (1992:164) define interjeição como um sinal linguístico que apresenta cinco propriedades principais: 1) pode ser usado autonomamente; 2) expressa significado

especificável; 3) não inclui outros sinais (com significado especificável); 4) não apresenta homófonos semanticamente relacionados a ele e 5) refere-se ao estado ou ação mental do falante.

No critério (1), a autora fez uso do modalizador 'pode', o que permite inferir que há interjeições que não apresentam autonomia comunicativa. O critério (3) desconsidera o grupo das interjeições secundárias, reconhecidas por diferentes autores (GEHWEILER (2008), AMEKA (1992) entre outros). Para a condição (4), ela reconhece haver uma incoerência em relação à classe das onomatopeias. Essa classe seria distinta da classe das interjeições, porém contém itens que podem exercer função interjetiva sem haver total perda de laços semânticos. Para resolver tal incoerência, a autora estende exceções à classe das onomatopeias, mas não para outras como verbos, substantivos e adjetivos. Essa explicação apresenta problemas, pois deixa de esclarecer estágios intermediários. Gehweiler (2008), ao apresentar a emergência de 'gee!' a partir de 'jesus!', mostra que o desgaste semântico é gradual e correlacionado com a mudança fônica. Assim, no estágio secundário, ou seja, ainda na forma 'jesus!', a interjeição mantém laços semânticos com o nome próprio que a originou. O critério (5) também é polêmico. A autora apresenta três diferentes tipos de interjeições: emotivas, volitivas e cognitivas. Essa divisão revela que a classe é heterogênea e inclui itens, como os cognitivos, que não apresentam componentes emotivos. Resulta disso que as interjeições constituem uma categoria complexa cuja função vai além de expressar os estados súbitos do falante, conforme as definições vistas até aqui.

Gonçalves (2002:103) questiona definições formais de interjeição formuladas por alguns de seus precedentes. Uma delas é a tentativa de Ameka (1992) em afirmar que uma interjeição 'is defined as a lexical form which (a) conventionally constitutes a non-elliptical utterance by itself'. Para o autor, essa definição apresenta problema pelo fato de não abarcar itens do inglês

como ‘well’, que não seriam capazes de formar enunciados não-elípticos independentes. A proposta de Wierzbicka (1992), discutida anteriormente, é, para ele, incoerente por vários motivos. Um deles, também já analisado, é que a autora exclui de sua definição interjeições secundárias quando afirma, no critério (3), que ‘an interjection...(is)... a linguistic sign which does not include other signs (with a specifiable meaning)’. Em sua tentativa de classificação do fenômeno interjetivo (GONÇALVES, 2002:322-360), o autor faz uma revisão da literatura precedente, destacando, em forma de diagrama, as propriedades principais propostas por alguns autores. O quadro abaixo reúne esse conjunto de propriedades.

QUADRO 4 – Agrupamento das formas interjetivas em diferentes autores com base em GONÇALVES (2002)

AUTOR	PROPRIEDADES INTERJETIVAS	
Tesnière (1936)	Impulsivas, representativas e imperativas.	
Pérez (1990)	Plano formal	Fonético, gráfico, mórfico e tático
		Lexicográfico: simples, afixadas, univerbais, locuções, primárias e secundárias.
	Plano semântico	Subplano dos sentidos
		Subplano dos significados: juízos, cumprimentos, compromissos, comportamentos, argumentações.
Wierzbicka (1991)	Emotivas, volitivas (dirigidas a animais e a pessoas) e cognitivas.	
Ameka (1994)	Forma	Primárias e secundárias
	Função	Expressivas (emotivas e cognitivas), apelativas (sugestivas) e fáticas.
Gonçalves (2002)	Gritos articulados (de sentido imitativo e de sentido afectivo)	
	Conjurações (injúrias ou insultos, juras, pragas, imprecações, blasfêmias, invocações)	
	Ditados e frases feitas	

Na classificação de Tesnière (1936), observam-se três propriedades semânticas relacionadas, respectivamente, à expressão de sentimentos afetivos, imitação de processos exteriores e modos de agir sobre o interlocutor. Apesar das discordâncias em relação às ‘representativas’ - se constituem ou não subconjuntos das interjeições -, nota-se o destaque para propriedades interacionais do fenômeno interjetivo quando as reconhece como ‘imperativas’.

A proposta de Pèrez (1990) é bem mais complexa e a autora introduz que o fenômeno interjetivo deva ser analisado sob dois planos: formal e semântico. No plano formal, observa-se que a análise permite capturar desde interjeições impróprias até formas secundárias e locuções, além de mostrar a grande heterogeneidade dessa categoria. O plano dos sentidos refere-se à flexibilidade semântica das interjeições em relação ao contexto e co-texto, além das diferentes funções que podem desempenhar.

Wierzbicka (1991) propõe uma classificação em que é difícil observar nítidas fronteiras. As emotivas abarcariam um grande número de itens e correspondem ao estado mental do falante. As volitivas seriam as que exercem função interacional sejam dirigidas a animais ou a pessoas. E as cognitivas teriam função de exprimir o estado mental do falante, porém desprovido de sentimento. Funcionariam como marcadores de satisfação, ironia, etc.

Em Ameka (1994), nota-se a retomada das propriedades formais de Pèrez para diferenciar interjeições primárias e secundárias e, no plano funcional, a concordância com Wierzbicka (1991) de que a classificação do fenômeno interjetivo perpassa as principais funções da linguagem: expressiva, apelativa e fática.

Ainda em Gonçalves (2002), tem-se uma proposta de classificação das interjeições em três conjuntos: gritos articulados, marcas de conjuração e ditados e frases feitas. É interessante

observar que o autor apresenta uma classificação que permite englobar expressões que, do ponto de vista formal, vão desde articulações fônicas simples até frases inteiras e, do ponto de vista semântico, abrange, em sua quase totalidade, as formas em que há um maior envolvimento afetivo. A não-totalidade deve-se ao fato de o autor incluir no rol de sua classificação os gritos articulados de sentido imitativo.

Caixeta (2005) agrupa alguns traços definidores do fenômeno interjeito, evidenciando o caráter expressivo e emocional do falante em relação à situação comunicativa. De acordo com o autor, o fenômeno interjetivo é

uma manifestação de caráter emotivo/expressivo que não é descrita metalingüisticamente pelo falante, como <eu estou surpreso, vou reagir abruptamente> ou <não estou (tão) surpreso, não vou reagir abruptamente>; é presentificada, com maior ou menor envolvimento, atitudinalmente pelo falante diante de diferentes “objetos”, quais sejam, o (inter)locutor, a mensagem e a situação. (CAIXETA, 2005:36)

Embora não haja pretensão nos estudos de Caixeta em estabelecer uma nova classificação para as interjeições, o autor apresenta propriedades relevantes para o fenômeno. Além do caráter expressivo mencionado, o autor defende que a intenção do falante é decisiva para distinguir interjeições de onomatopeias. Se a intenção é apenas descritiva ou de nomear, tem-se recurso onomatopaico e, por outro lado, se há a presença de envolvimento emotivo, o recurso é interjetivo. Como esse autor trabalha com *continuum* de prototipicidade, considera-se haver gradações no reconhecimento do fenômeno interjetivo. As mais prototípicas, segundo a análise, apresentariam os traços: imersão emotiva do falante no contrato comunicativo (envolvimento afetivo do falante com o interlocutor, com a mensagem e com a situação), marcas fônicas acentuadas e sequência interjetiva.

Norrick (2009) publicou um estudo em que interpreta interjeições como marcadores pragmáticos. Na seção 5, que trata especificamente da função discursiva das interjeições, o autor

investigou, dentre vários itens, a partícula ‘uh’. Na ocorrência abaixo, extraída desse estudo, ele argumenta que ‘uh’ exerce uma função discursiva, servindo principalmente para indicar tomada de turno e preenchimento de pausa.

(1) REED: tell me where it hurts.

DARREN: **uh**, .. still a little bit back here. (Norrick, 2009:875)

Essa descoberta pontua que a funcionalidade discursiva do fenômeno interjetivo é bastante complexa e vai muito além da tradicional visão de que serve apenas para expressar sentimentos súbitos do falante.

Antes de finalizar a seção, acrescenta-se uma propriedade formal da interjeição: a posição em unidades de fala. Batista (2009:48), ao analisar o item ‘uai’ do ponto de vista da posição sintática, mostra que sua distribuição é bastante variada, podendo ocorrer tanto em início, meio ou fim de unidades comunicativas.

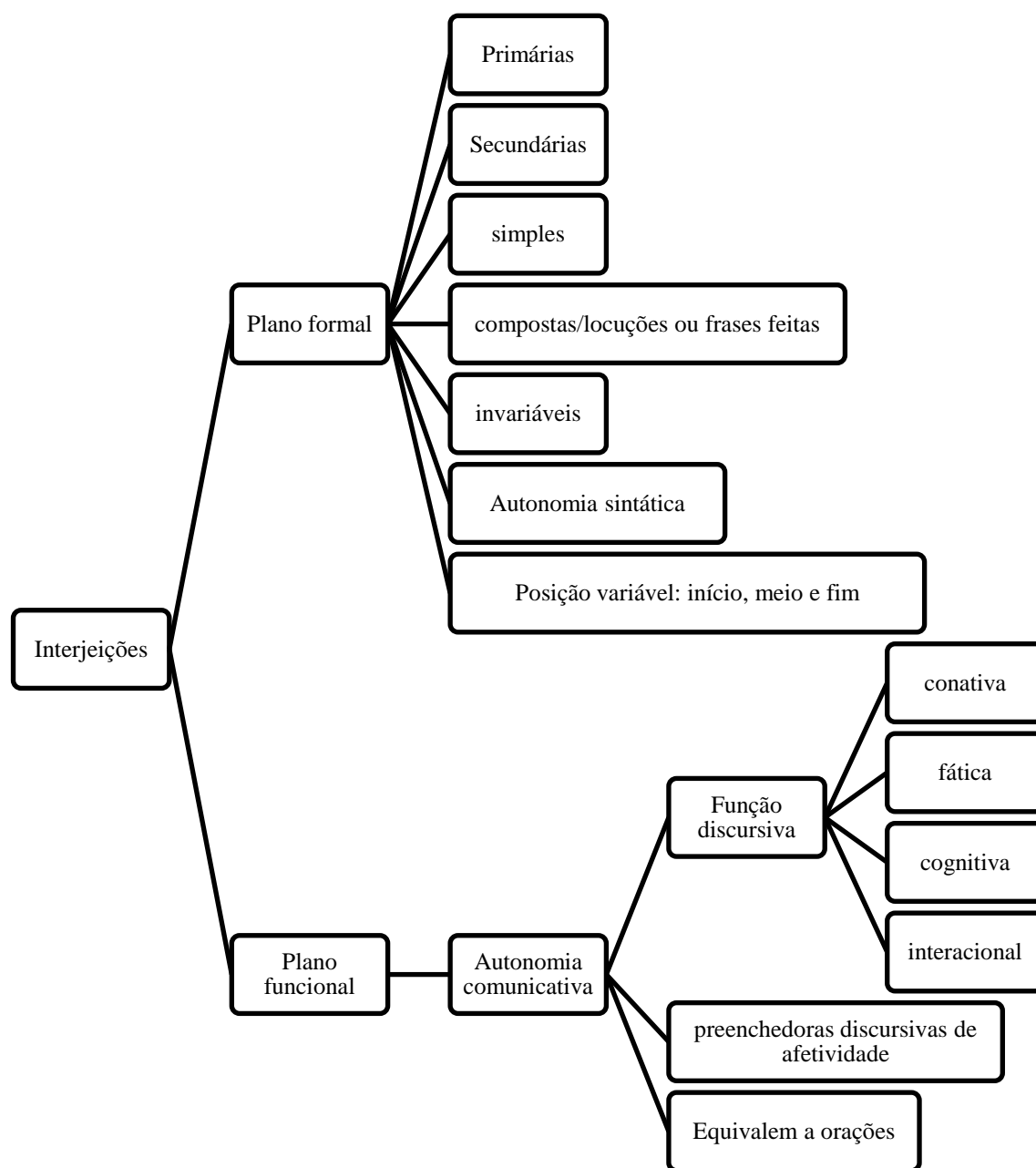
Até aqui já dispomos de um vasto conjunto de propriedades do fenômeno interjetivo. O próximo passo agora é construir um diagrama composto das principais propriedades formais e semânticas arroladas acima.

2.4 Das propriedades

Dentre as diversas tentativas de classificação do fenômeno interjetivo, os critérios oscilam entre aspectos formais e semânticos. Nesta subseção, o propósito é a construção de um diagrama com a enumeração de critérios dos diferentes autores analisados na seção anterior. Para tanto, são considerados agrupamentos de autores como Wierzbicka (1991), Ameka (1992), Gonçalves (2002), Caixeta (2005), Norrick (2009), Batista (2009), além de dados das gramáticas e dicionários investigados. Cabe ressaltar que, principalmente no plano funcional, a divisão em categorias não deve ser entendida de maneira estanque nem totalmente homogênea. A força de

expressividade interjetiva pode carrear componentes de outros subgrupos. Apesar dos autores darem nomes diferentes para algumas funções (como 'apelativa' correspondendo à 'conativa'), algumas propriedades foram agrupadas em uma só categoria.

DIAGRAMA 1: Propriedades das interjeições



2.5 A interjeição forma ou não uma classe de palavras?

Apesar da tentativa detalhada em caracterizar uma interjeição conforme propriedades presentes no diagrama 1, ainda é muito obscuro considerá-la uma classe de palavras. A complexidade formal do fenômeno bem como o próprio critério utilizado pela gramática tradicional – funcional – é bem diferente em relação às demais classes que possuem respaldos formais.

A explicação de Marcuschi (2007:137-138) parece satisfatória no tratamento dessa questão. O autor considera a interjeição um fenômeno linguístico universal e arbitrário que se torna convencional mediante seu uso intencional. Esse fenômeno integra-se ao sistema fonológico da língua de que faz parte, porém não obedece ao princípio da dupla articulação por permanecer isolado do ponto de vista morfossintático. Pelo fato de a interjeição valer-se de elementos linguísticos pré-existentes e pertencentes a outras classes de palavras, o autor não admite que ela componha uma classe de palavras isolada. Mas sim - como ocorre com marcadores discursivos e as hesitações - uma classe de ‘funções discursivas’, uma vez que suas propriedades não residem na sua classe gramatical e sim na função que desempenha no discurso.

3. Marcadores discursivos

Nesta seção será apresentada uma revisão da literatura sobre os marcadores discursivos com o objetivo de mostrar que estes, antes considerados elementos apenas com função de relacionar segmentos textuais adjacentes, têm se constituído uma classe bastante complexa e multifuncional. Em seguida, com base em alguns autores, MARCUSCHI (1989), MARCUSCHI (1997), URBANO (2001), RISSO et al (2002), CASTILHO (2010) serão apresentados alguns

critérios de identificação dos marcadores discursivos no português brasileiro e, por fim, um diagrama contendo as propriedades elencadas ao longo da seção.

3.1 Processos de formação

Schiffrin (1990: 31-40) define marcadores discursivos como elementos sequencialmente dependentes que relacionam unidades de fala. Na análise da autora, os marcadores estabelecem elos entre o discurso imediatamente precedente e o discurso introduzido pelo marcador. Nesse sentido, entende-se que marcadores discursivos são elementos que operam no nível textual, relacionando ideias que ocorrem em suas fronteiras.

Fraser (1999: 937-950), em resposta à pergunta ‘o que são marcadores discursivos?’, argumenta a favor de uma visão um pouco mais ampla em relação à proposta de Schiffrin (1990). Para Fraser, a relação <S1 DM S2>⁵ não é tão rígida. Os marcadores também podem estabelecer elos entre enunciados que não ocorrem em sua adjacência. O autor cita vários casos em que operadores (como 'however') podem relacionar informação subsequente a vários segmentos precedentes, inclusive o segmento fronteiroço, ou vice-versa. Além disso, marcadores nem sempre introduzem S2 por não possuírem posição fixa, ou seja, podem ocorrer no meio ou no final desse enunciado. Mais, os enunciados correlacionados pelo marcador discursivo não são complementares em todos os casos. O elo pode ocorrer entre sentenças que são independentes.

Assim como Schiffrin (1990), o autor considera marcadores discursivos apenas os elementos que relacionam dois segmentos do discurso. Modalizadores (como os advérbios), interjeições, vocativos e marcadores de pausas seriam categorias à parte ou marcadores

5 Em Fraser (1990), S1 significa a sentença imediatamente anterior ao marcador discursivo. DM é, em inglês, sigla para 'discourse marker' ou marcador discursivo. E S2 é a designação para a sentença que ocorre imediatamente após o marcador discursivo.

pragmáticos. Nessa visão, os marcadores constituem uma classe heterogênea, que inclui advérbios, conjunções e sintagmas preposicionados. Semanticamente, não possuem significado conceitual, ou seja, constituídos de uma série de traços semânticos. Eles apenas especificam como um segmento textual pode ser interpretado em relação a outro.

Brinton (1996:30-31) não diferencia marcadores discursivos de marcadores pragmáticos e apresenta uma lista de diferentes funções que estes podem desempenhar. Dentre as funções, o autor retoma a 'relacional' (cf. SCHIFFRIN (1990) e FRASER (1999)), referidas anteriormente, e acrescenta várias outras, tanto no nível textual quanto no interacional. Nesta última, esses elementos podem assinalar a) manutenção e entrega de turno; b) preenchimento de pausa para organização do pensamento, entre outras. Apesar dos estudos de Brinton serem anteriores aos de Fraser (1999), o autor se baseou na descrição de Fraser (1990). Note até aqui que a 'classe' dos marcadores discursivos reúne um conjunto de funções bastante diversificadas, incluindo as de organizar o fluxo conversacional.

Schourup (1999: 228-234) acrescenta que marcadores discursivos não interferem no valor de verdade dos enunciados com os quais co-ocorrem, podem ser removidos sem causar prejuízo para a gramaticalidade da sentença e ocorrem, preferencialmente, na modalidade oral. Nessa definição, ficariam excluídos os modalizadores.

Zorraquino (1999) diz que marcadores discursivos são atribuições a certas unidades linguísticas que podem apresentar usos discursivos, empregos enfatizadores, valores expressivos, etc. Mais adiante, a autora registra que estes apresentam uma heterogeneidade de sua entidade categorial, dentre as quais as 'interjectiones'. São também elementos desprovidos de conteúdo referencial, invariáveis, não exercem função sintática no marco da predicação oracional por

serem marginais e possuem a função de guiar as inferências que se realizam na comunicação. Salienta-se que Zorraquino (1999) considera marcadores conversacionais um subgrupo de marcadores discursivos, com diferentes funções.

Feita essa síntese sobre a complexidade funcional desempenhada pelos marcadores discursivos, passemos ao levantamento de algumas propriedades formais e semânticas típicas dessas unidades.

3.2 Critérios de identificação de marcadores discursivos no português brasileiro

Castilho (1989:270-275) assinala que os marcadores discursivos possuem base gramatical variada: (i) simples (com um lexema como os da classe dos advérbios); (ii) composta (constituída de sintagmas, como ‘tá certo’); (iii) oracional (‘eu acho que’) e (iv) prosódica (hesitações). O autor registra também que, de acordo com os dados utilizados na pesquisa, tanto interjeição (‘ah!’) quanto palavra exclamativa (‘hein?’) podem funcionar como marcadores discursivos. Castilho afirma ainda que as funções da linguagem não são excludentes e um mesmo marcador pode desempenhar mais de uma função. Dentre estas, ele cita: as interpessoais (que controlam os turnos de fala) e as ideacionais (relacionadas à negociação do tema e seu desenvolvimento).

Marcuschi (1989: 281-317) aborda três aspectos (forma, posição e função) dos marcadores discursivos com base nos dados de fala investigados por ele. Sobre as formas, o autor chama atenção para o fato de os marcadores não constituírem uma classe gramatical própria. Elementos de qualquer classe gramatical, em princípio, podem exercer função de marcador. Em relação às posições, os marcadores podem ocorrer tanto no início quanto no meio ou fim de uma unidade conversacional ou de turnos. Dentre as funções, há a organizacional (que

orienta o fluxo temático ‘pode voltar ao assunto’), solicitação de turno, discordâncias, processos cognitivos (hesitações e truncamentos). Além disso, os marcadores seriam conectores tanto no nível do texto quanto no nível da interação.

Marcuschi (1997:61-74) define marcadores discursivos como recursos, linguísticos ou não, que exercem funções textuais (fixando elos entre os segmentos textuais) e interacionais (controle de turno ou tópico, concordância, abrandamentos, rejeição, etc.) e ocorrem, preferencialmente, em posições inicial ou final de turnos. Trata-se de elementos que não possuem autonomia comunicativa, ou seja, não contribuem com informação nova para o conteúdo da unidade conversacional. De acordo com o autor, os marcadores podem ser agrupados em diferentes tipos: a) ‘verbais’, que, lexicalizados ou não, são de natureza linguística (ahã, ué, olha, então, como assim, etc.); b) ‘não-verbais ou paralinguísticos’, representados por gestos, meneios de cabeça entre outros, e c) ‘suprasegmentais’, representados pelas pausas e tom de voz. Sobre este último tipo, destaca-se que as ‘pausas’ podem ser sintáticas ou não. São sintáticas se: a) estabelecem ligação, substituindo conectores como ‘e’ e ‘mas’ ou b) empregadas com o objetivo de separar unidades conversacionais. As pausas não-sintáticas ocorrem quando: a) formam uma hesitação, objetivando o planejamento verbal ou b) constituem uma ênfase seja para chamar atenção ou para indicar reforço de pensamento. Observe que esse estudo também revela que seja em relação à forma seja em relação à função, os marcadores possuem vasta heterogeneidade. Do ponto de vista formal, ressalta-se que podem tanto ser de natureza primária (ahã, ué) ou secundária (então, como assim, etc.).

Urbano (2001) afirma que os marcadores conversacionais são elementos de variada natureza, estrutura, dimensão e complexidade semântico-sintática. Embora o autor nomeie esses elementos como marcadores conversacionais, ele assume tratar-se de elementos com função

discursivo-interacional. O autor analisa os marcadores discursivos sob diferentes aspectos: formal, semântico, sintático e comunicativo-interacional. A conclusão é que esses elementos, enquanto recursos verbais, são sintaticamente autônomos, posicionam-se tanto no início, meio ou fim de unidades conversacionais, são vazios de sentido, geralmente não interferem no conteúdo proposicional do enunciado adjacente e desempenham funções de monitoramento do fluxo conversacional (hesitação, reformulação, troca de turnos entre outros).

Em Risso et al (2002), os autores argumentam que o núcleo-piloto definidor dos marcadores reside em traços como exterioridade em relação ao conteúdo proposicional, a independência sintática e a falta de autossuficiência comunicativa. Nesse trabalho, a caracterização dos marcadores discursivos foi estabelecida em um *continuum* em que se observaram unidades limítrofes, ou seja, unidades cujas propriedades oscilam variações não só na série de variáveis externas ao núcleo-piloto (massa fônica, prosódia, base gramatical, entre outras) mas também podem afetar a própria configuração desse núcleo (como ocorre com formas oracionais ou modalizadoras: ‘parece que’, ‘realmente’, etc.). Essas unidades problematizam a aceitabilidade e a constituição de uma classe discreta dos marcadores discursivos.

Ademais, Risso et al aponta como variáveis definidoras dos marcadores discursivos a pauta prosódica demarcativa – que acentua sua dissociação sintática em relação à estrutura oracional -, a insuficiência para constituir enunciados completos em si próprios e a configuração formal bastante diversificada como variantes flexionais do tipo ‘entende?’ ~ ‘entendeu?’.

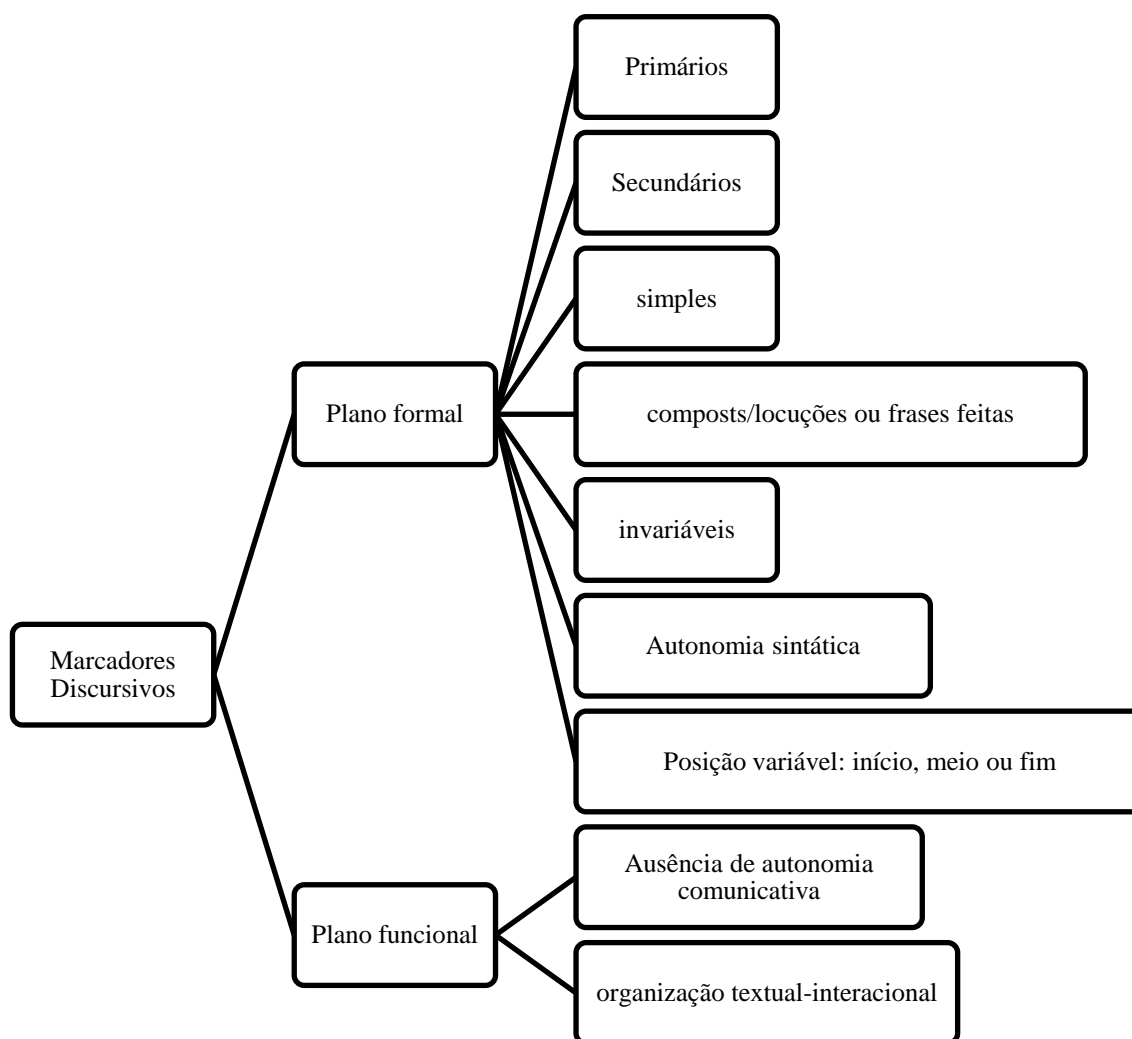
A análise de Rost-Snichelotto (2008), sobre a emergência de marcadores discursivos a partir de verbos no imperativo flexionados na segunda pessoa do singular, mostra que as formas ‘olha’ e ‘vê’ do português brasileiro, embora ainda usadas com seu significado literal, têm

desempenhado funções no universo discursivo. Neste nível, esses verbos apresentam várias funções: advertência, interjetivo, atenuador, planejamento verbal, prefaciador, retórico, exemplificativo, causal e concessivo. Ou seja, operam tanto no nível textual quanto interacional. Isso indica que verbos de percepção visual flexionados nesse modo verbal parecem ser fortes candidatos em desempenhar função no nível discursivo.

Castilho (2010: 229-230) agrupa os marcadores discursivos em diferentes categorias. Quanto às formas, podem ser elementos paralexicaís ('ah'), palavras de diferentes classes gramaticais ('olha', 'bom', etc.), sintagmas ('por exemplo') e orações ('lá vem você de novo'). Podem ocupar posições diversas (início, meio e fim) e exercem diferentes funções, às vezes, um mesmo marcador pode exercer mais de uma (organizar, modalizar, finalizar um tópico entre outras).

Partindo desses diferentes aspectos funcionais e formais caracterizadores dos marcadores discursivos, é possível construir um diagrama, obedecendo aos mesmos moldes empregados para o fenômeno interjetivo no capítulo precedente.

DIAGRAMA 2: Propriedades dos marcadores discursivos



4. Conclusões

As seções 2 e 3 centraram-se no agrupamento de propriedades formais e funcionais do fenômeno interjetivo e dos marcadores discursivos. O objetivo aqui é o cruzamento dessas propriedades com a finalidade de efetivar a comparação entre traços atribuídos às interjeições e aos marcadores discursivos nos estudos resenhados. Veja os diagramas a seguir.

DIAGRAMA 3: Cruzamento entre propriedades das interjeições e dos marcadores discursivos: plano formal

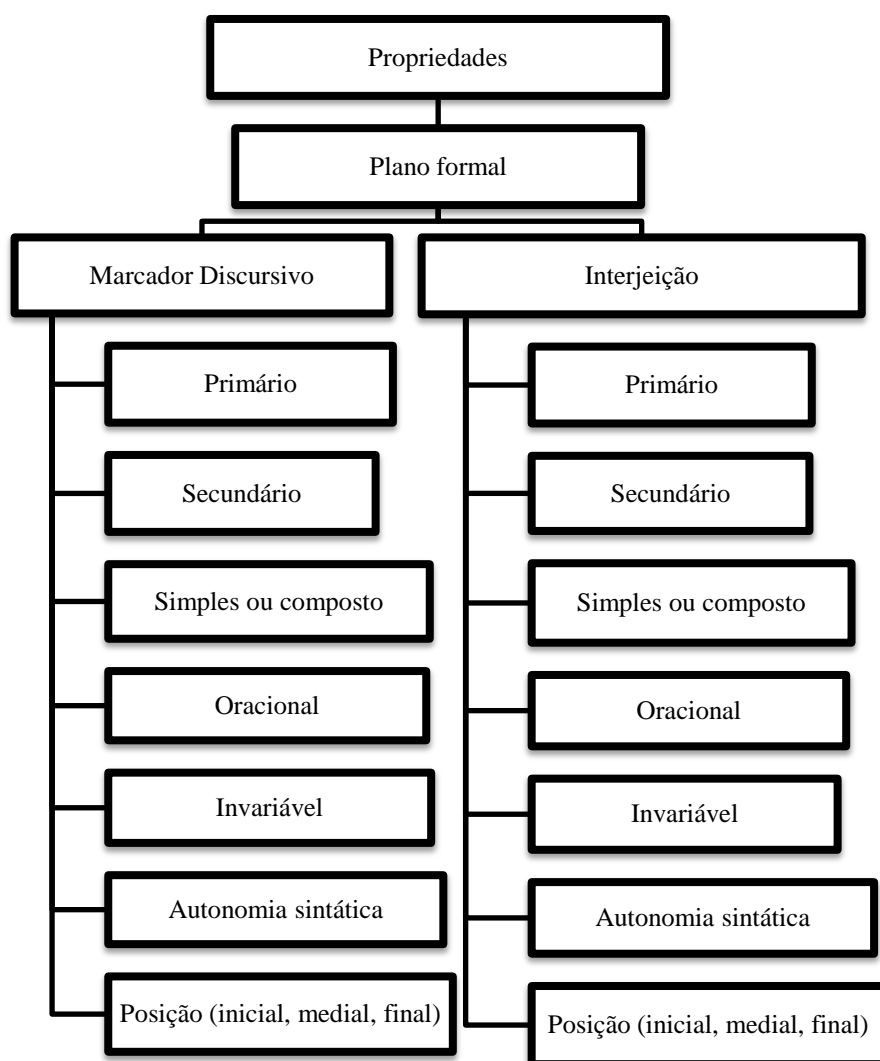
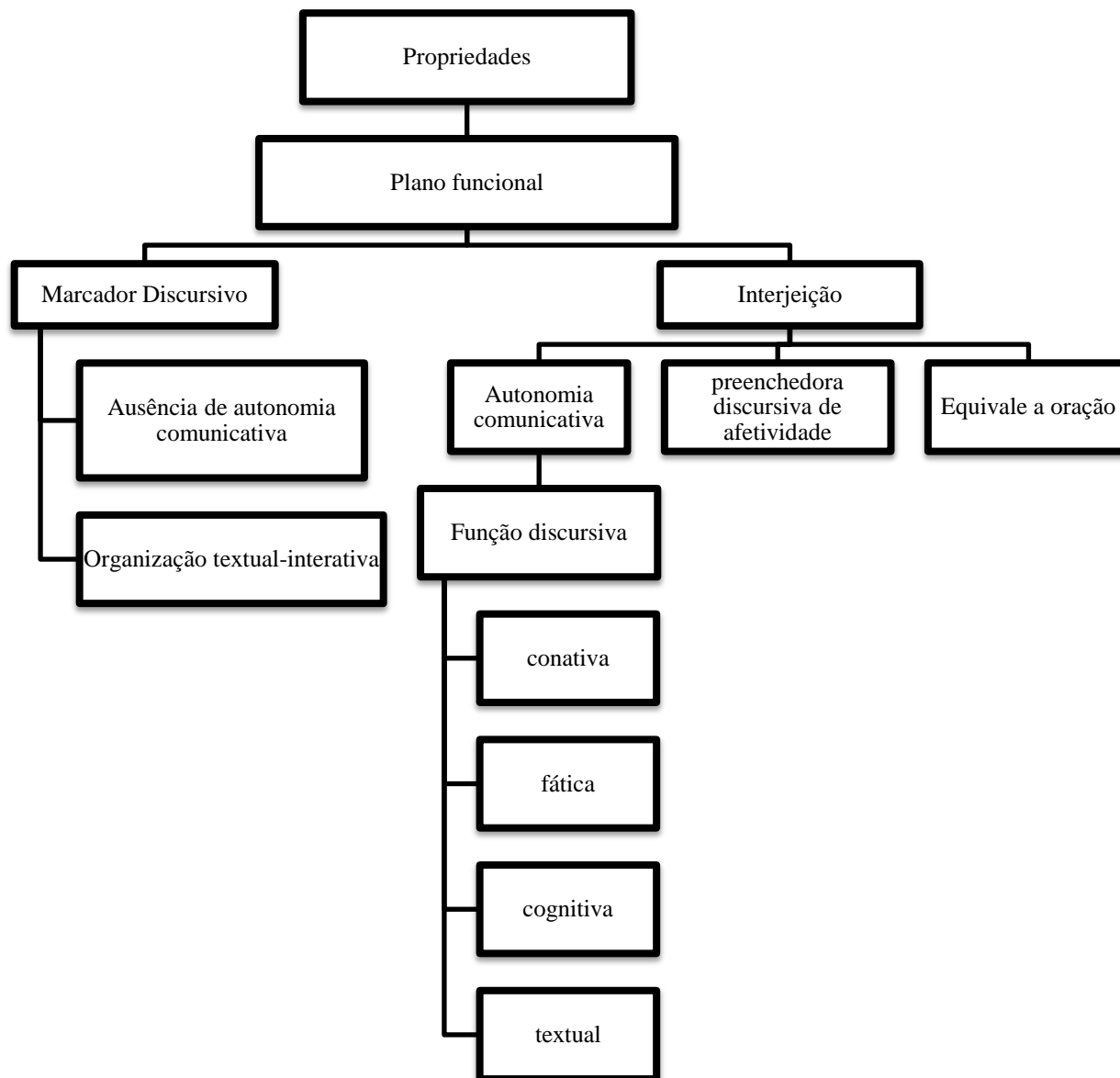


DIAGRAMA 4: Cruzamento entre propriedades das interjeições e dos marcadores discursivos: plano funcional

Verifica-se que, no plano formal, as duas categorias em análise não apresentam traços distintivos. Já no plano funcional, tem-se que as funções discursivas das interjeições (conativa, fática, cognitiva e interacional) parecem divergir em relação às funções dos marcadores discursivos. Porém, Castilho (1989) reconhece que as funções dos marcadores perpassam pelas funções da linguagem. Desse modo, essas funções estariam subentendidas na função textual-interativa da categoria dos marcadores discursivos.

Sobre o traço ‘preenchedora discursiva de afetividade’, Caixeta (2005:91) salienta que a garantia da expressividade do fenômeno interjetivo está no simbolismo sonoro: entonação, elevação de voz, velocidade de fala e alongamento de vogal. Um pouco mais adiante (CAIXETA, 2005: 97), o autor destaca que interjeições mais prototípicas apresentam marcas fônicas acentuadas. Na análise de Risso et al (2002: 21-48) mencionada anteriormente, temos como uma das propriedades definidoras dos marcadores discursivos a demarcação prosódica, que os dissocia sintaticamente da estrutura oracional adjacente. Ou seja, o simbolismo sonoro é comum às duas categorias.

Em relação à afirmação de que os marcadores discursivos não equivalem a orações, o item ‘uai’ em (2) - cuja função discursiva pode ser entendida como uma intenção do informante em assinalar organização do pensamento em busca de informações sobre as consequências do acúmulo de sujeira em frente sua residência – pode ser substituído por ‘deixe-me ver’.

- (2) A: só um minutinho que eu vou abrir o sistema... o que que ta causando a sujeira lá a senhora sabe?
I: tá causando... **uai**... eh o mau cheiro né? Mau cheiro demais... (BATISTA, 2009:40)

Por último, observa-se diferença no traço ‘autonomia comunicativa’, com os marcadores discursivos apresentando traço negativo para essa propriedade. Porém, como vimos em Risso et al (2002), há marcadores discursivos com função modalizadora, ou seja, contribuem

semanticamente para o conteúdo proposicional do enunciado adjacente. Por outro lado, há interjeições que podem desempenhar função meramente interacional. É o caso de ‘uai’ em (2).

A partir da longa discussão empreendida aqui, parece adequado concluir que não há razões suficientes para excluir as interjeições do rol dos marcadores discursivos. Isso significa reconhecer que interjeições desempenham funções que dizem respeito à sinalização do texto e à própria interação entre os interlocutores.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA VARIAÇÃO DE ‘UAI’ COM AS FORMAS ‘UÉ/UÊ’

1. Introdução

Neste capítulo são cinco os objetivos principais: (1) apresentar a abordagem teórico-metodológica que fundamenta esta pesquisa; (2) argumentar em favor de que ‘uai’ e ‘ué/uê’ são variantes de uma mesma variável linguística; (3) apresentar a amostra utilizada na pesquisa; (4) citar os fatores condicionadores que serão analisados a partir da aplicação de teste estatístico no GOLDVARB 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001); e (5) apresentar os resultados da análise.

2. A abordagem variacionista laboviana

Tarallo (1985:17) é imperativo ao afirmar que a teoria da variação e mudança linguística tem uma teoria própria, um objeto específico de estudo e um método que lhe é característico. Este modelo teórico-metodológico assume a heterogeneidade linguística como objeto de estudo.

Um dos pressupostos fundamentais para uma teoria da variação e mudança linguística, apresentada em Weinreich, Labov e Herzog (2006:35), é que

muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada.

Com essa concepção de língua, os autores rompem com os pressupostos estruturalistas e dialetológicos de seus precedentes cuja visão de variação era a de esta ser aleatória e irregular, sustentada sob uma concepção de língua como sistema monolítico, estável e homogêneo. A

inovação na teoria da variação e mudança reside em atribuir à variação um caráter sistemático e controlado. Nos termos dessa teoria, passa, então, a ser tarefa do linguista entender, descrever e explicar os padrões que governam a sistematicidade de uma língua natural e que se manifestam em qualquer nível linguístico.

A mudança linguística, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968:187:188), está intimamente relacionada com a dinâmica interna das línguas naturais. Em seu trabalho, eles apresentam alguns princípios gerais para o estudo de tal mudança, tais como:

1. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada;
2. A estrutura linguística inclui diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala;
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implicam mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade;
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea;
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade;
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

Para a análise de fenômenos englobados pela presente teoria, os autores (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968: 183-187) propõem cinco princípios empíricos que devem ser respondidos:

Fatores condicionantes – que dizem respeito à determinação do grupo de possíveis mudanças e das condições possíveis para a mudança e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudança.

Transição – que envolve a necessidade de se explicar o estágio interveniente pelo qual a estrutura A evolui para B, ou seja, explicar como e por quais caminhos uma forma A muda para B. A transição está relacionada com a transferência de traços entre falantes com sistemas heterogêneos. Dessa forma, o progresso da mudança se daria (1) pela aprendizagem de uma forma alternativa; (2) pelo tempo em que essas formas coexistem dentro da competência do falante; e (3) quando uma das formas se torna obsoleta.

Encaixamento – em que se busca explicar como uma determinada mudança linguística se encaixa no sistema de relações sociais e linguísticas. Ressalta-se, aqui, a importância do linguista em demonstrar não só a motivação social da mudança, mas também determinar o grau de correlação social que existe e como ela pesa sobre o sistema linguístico.

Avaliação – que busca estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Esse correlato subjetivo da avaliação não pode ser deduzido do lugar da variável dentro da estrutura linguística. O nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística, que deve ser determinada diretamente. Desse modo, deve-se investigar o modo como os falantes de uma determinada comunidade linguística avaliam a mudança e quais os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si.

Implementação – a mudança linguística começa quando um determinado traço linguístico caracterizador de variação difunde-se através de um subgrupo específico da comunidade de fala e se completa quando há a passagem de uma variável para o ‘status’ de uma constante, ou seja, uma das alternativas se torna regular e constante na comunidade de fala. O linguista deve, então, investigar o porquê, o espaço de tempo e o local de determinada mudança.

Para tal investigação, a teoria da variação e mudança requer o estabelecimento de uma regra variável. Mollica (2003: 67) aponta, como premissa básica da variação, a exigência de que duas ou mais formas ocorram no mesmo contexto, com mesmo significado. Para Labov (1972:271), essa regra é definida como ‘the option of saying “the same thing” in several different ways: that is, the variants are identical in referential or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance. O conceito de variável e variante será apresentado na próxima seção.

Por fim, Labov (2008) explica que os fatores envolvidos no processo de variação podem ser condicionados por variáveis internas (fonético-fonológicos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e discursivos) e variáveis sociais (escolaridade, gênero, idade, etnia, etc.). Além disso, na Teoria Variacionista, um fenômeno de variação pode ser considerado como um caso de variação estável – permanência de variantes em um curto período de tempo ou através de séculos – ou mudança em progresso – quando há a substituição de uma forma por outra que deixa de ser usada pelos membros de uma comunidade linguística.

3. ‘Uai’ e ‘ué/uê’: variantes de uma mesma variável linguística

De acordo com Weinreich (1968:167), uma variável linguística pode ser definida como um elemento pertencente ao sistema que é controlado por uma única regra. Wardhaugh (2006:143) define variável linguística como um item linguístico que possui variantes identificáveis. Para exemplificar, o autor explica que palavras como ‘farm’ e ‘far’ às vezes são pronunciadas sem o ‘r’. Nesse caso, a variável ‘r’ teria duas variantes [r] e Ø, conforme fosse pronunciada ou não.

Mollica (2003:10-12) compartilha dessa mesma definição, explicando que a variação linguística pressupõe a existência de formas alternativas denominadas variantes. Tais formas são, na verdade, diversas maneiras alternativas que configuram um fenômeno variável, conhecido como variável dependente. A dependência diz respeito ao condicionamento da realização das variantes, que não ocorre de forma aleatória pelo fato de ser influenciada por grupos de fatores de natureza social ou estrutural (variáveis independentes).

Resumindo, para que um conjunto de formas linguísticas possa ser identificado como variantes, é necessário o atendimento das seguintes exigências: (1) ser uma forma alternativa à variável; e (2) ser idêntica à variável em sentido léxico-referencial, ou ter o mesmo valor de verdade, em um mesmo contexto.

A exigência (2) impõe aqui um desafio. Como argumentado no capítulo I, interjeições são marcadores discursivos e estes não possuem significado referencial. Como tratar esse problema? Lavandera (1996: 174-176) questiona a exigência laboviana (2) acima mencionada. Para a autora, não é tão simples atribuir tal exigência para variáveis sintáticas, como as passivas, da mesma maneira que se faz para variáveis fonológicas. De fato, a realização ou não de [r] em ‘far’ em nada muda seu significado referencial, porém entre pares sintáticos como ‘A polícia procura Pedro’ e ‘Pedro é procurado pela polícia’, embora descreva o mesmo estado de coisas (Polícia é agente e Pedro, paciente ou o procurado), o emprego de uma pela outra nos leva a diferentes conotações sobre o que pensamos de ‘Pedro’. Em relação aos estudos sobre os marcadores discursivos, o problema não é a diferença de significados, mas a ausência de valor referencial. Tavares (2003), para tratar de conectores sequenciais no português brasileiro e no português europeu, aponta uma saída, correlacionando significado à função. De acordo com a autora, os

conectores mais funcionam do que significam, pois o significado deles não é léxico-referencial e sim relacional.

Uma proposta mais recente sobre o estabelecimento de variantes em níveis não-fonológicos é discutida por Serrano (1998:1053-1073). De acordo com a autora, o tipo de significado envolvido no reconhecimento de variantes sintáticas deve ser abordado de maneira diferente. Uma variação não-fonológica não pode receber o mesmo tratamento desta porque o nível linguístico não é o mesmo. Estudos como o de Tavares mostraram que o emprego de marcadores discursivos possui correlação com fatores sociolinguísticos, o que evidencia a necessidade de um ajuste em relação ao que se entende por critério ‘mesmo valor de verdade’. Para Serrano, não se pode limitar o significado ao seu aspecto denotativo apenas. As duas passivas citadas acima podem, em relação à semântica, acarretar interpretações diferentes, mas, por outro lado, dependendo da situação comunicativa, o significado pode ser o mesmo. Conforme a autora, não é o critério ‘valor de verdade ‘ que deve ser considerado no estudo da variação não-fonológica, mas o significado pragmático que é sempre atualizado no contexto ou na situação comunicativa.

As formas ‘ué’ e ‘uê’ são, assim como ‘uai’, marcadores discursivos e, portanto, não possuem significado léxico-referencial. Trata-se de formas intercambiáveis, ou seja, em um mesmo contexto ou situação comunicativa, desempenham o mesmo valor funcional. É no reconhecimento da mesma função desempenhada por esses itens que passamos a considerá-los variantes em relação ao critério (2).

Sobre o critério (1), as ocorrências a seguir, extraídas da amostra em análise, exemplificam a intercambialidade entre ‘uai’ e ‘ué/uê’ em posição final de turno. As ocorrências

foram extraídas da fala de um mesmo informante em um mesmo domínio discursivo e interacional.

- (3) *CAR: [208] sior conhecia ele / pai // \$
 *ONO: [209] **eu já vi ele / C. H. // \$ nũ [1] nũ lembrava não / que eu vejo muito preto / uai // \$**
 *CAR: [211] ahn // \$. (C-Oral Brail: bfamcv11)
- (4) *TIT: [256] proveitei que a dona Titina tá dormindo e comi dois pão // \$
 *ONO: [257] **e' n' é muito preto não / uê // \$**
 *TIT: [258] ah eu ria até minha barriga doer / gente // \$. (C-Oral Brasil: bfamcv11)
- (5) *ONO: [171] tá firminho o lote lá / que cê tá olhando // \$
 *CAR: [172] ajuda aí / pai // \$ pra <pra> + \$
 *ONO: [174] **<mas nós foi lá / ué> // \$** (C-oral Brasil: bfamcv10)

Em (3), (4) e (5), verifica-se um bate-papo em família durante o jantar. Em (3), ‘ONO’ conversa com o filho sobre o marido de uma funcionária sua (do pai), que o interpelou um dia na rua para saber da atuação de sua esposa no trabalho. Ele (o pai) já o tinha visto mas não se lembrava de quem era, já que ‘ONO’ convive muito com pessoas negras. O item ‘uai’ parece reforçar a atitude do informante em justificar a razão pela qual ele não conseguiu diferir o trabalhador dos demais com a mesma cor ao mesmo tempo em que parece assinalar a intenção do informante em checar a concordância de seu interlocutor. Em (4), ‘TIT’ introduz um novo tema à conversa, porém ‘ONO’ ignora inserindo uma reavaliação da cor do marido de sua funcionária. ‘Uê’ parece reforçar essa reavaliação e indicar coda. Em (5), o informante ‘CAR’ estava ignorando a fala de ‘ONO’ sobre seu desejo de fazer um defumador em um lote. ‘ONO’ parece empregar ‘ué’ como forma de chamar a atenção de ‘CAR’ e marcar uma impaciência ou indignação por não ter recebido atenção à sua fala. Pode também indicar reforço em relação ao enunciado adjacente ou coda.

Concluindo, o que se verifica nas ocorrências acima é que as variantes operam no nível discursivo, mediando o fluxo conversacional. Enquanto partículas discursivas, essas formas são intercambiáveis, atendendo à exigência de desempenhar mesma função discursiva em um mesmo contexto.

4. A amostra

O conjunto de dados utilizados nesta pesquisa foi extraído do Projeto C-ORAL BRASIL. A fala de 48 informantes, em situações de diálogo, foi analisada. Agradecemos aos professores Heliana Mello e Tomaso Raso por ceder o *corpus* C-ORAL BRASIL para nossa pesquisa. Este corpus faz parte de um projeto coordenado pelo Prof. Tommaso Raso (UFMG) com a colaboração de Heliana Mello(UFMG).

4.1 Descrição do corpus

O *corpus* C-ORAL-BRASIL, *corpus* da fala espontânea do português do Brasil (PB), constitui-se como a quinta ramificação do C-ORAL-ROM (CRESTI e MONEGLIA, 2005), *corpora* de referência das quatro principais línguas românicas europeias. Ele segue a arquitetura do C-ORAL-ROM, com algumas adaptações ao contexto sócio-lingüístico brasileiro. Inclui fala formal e informal. A parte informal constitui-se de quinze horas de gravação distribuídas em um mínimo de cem textos de, em média, 1500 palavras. Em cada contexto, um terço dos textos constitui-se de monólogos e dois terços de diálogos ou conversações (ou seja, diálogos com dois ou mais participantes). Os metadados presentes no cabeçalho seguem exatamente o mesmo critério do C-ORAL-ROM, exceto em relação ao item escolaridade. Veja-se um exemplo:

@Title: Daughter
 @File: ifammn06
 @Participants: CAR, Carmosina (woman, C, 1, housekeeper, narrator, Alpercata (MG))
 MAR, Maryualê (woman, B, 3, professor, intervenient, Florianópolis)
 @Date: 12/04/2008
 @Place: Belo Horizonte
 @Situation: narration about how CAR adopted her youngest daughter, CAR's kitchen, CAR makes lunch, not hidden, researcher participant (CAR works as housekeeper at the researcher's home)
 @Topic: daughter's adoption
 @Source: C-ORAL-BRASIL
 @Class: informal, familiar/ private, monologue
 @Length: 9'51"
 @Words: 1508
 @Acoustic quality: A
 @Transcriber: Maryualê M. Mittmann
 @Revisor: Heloisa P. Vale
 @Comments: text collected and recorded by Maryualê M. Mittmann. CAR pronounces "dócia" and "vivendos" when it should be "dócil" and "vivendo". Sometimes CAR calls the researcher Mara and not Mary.

Com poucas exceções, as gravações são realizadas em formato '.wav' com o seguinte equipamento: gravadores digitais Marantz PDD660, com cartão de memória Compact Flash de 2 gigabytes; kits wireless Sennheiser Evolution EW100 G2 (receiver, transmitter, microfone de lapela), com dois kits bateria/carregador adaptados para o receiver, ou solução nativa com bateria própria e seis microfones completos; microfones omnidirecionais Sennheiser MD 421, com pedestais Hunter PMP103, cabos RCL303569 de 6 metros, ou sistema wireless; e mixer Xenyx 1222, com cabos para seis entradas de microfones de lapela.

Este corpus foi constituído com o objetivo de estudar a estrutura informacional do português do Brasil (PB) e suas ilocuições com base na Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000).

5. As variáveis

5.1 Variável dependente

A variável dependente em análise é ‘uai’ e as variantes as formas ‘uai’ e ‘ué/uê’.

5.2 Variáveis independentes

5.2.1 Fatores internos

5.2.1.1 Posição no turno

Marcuschi (1991:89) define turno como a produção de um falante enquanto ele ainda está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio. Para esse autor, não se deve considerar turno as produções do ouvinte durante a fala de alguém, embora isso tenha repercussão sobre o que se diz. Galembeck (1995) define turno como qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão, independentemente se as intervenções possuem valor referencial ou apenas informativo. Nesta pesquisa, adota-se a posição de Galembeck. As ocorrências abaixo, extraídas da amostra, exemplificam as três posições relacionadas ao turno:

5.2.1.1.1 Começo

- (6) *TER: [47] ah / a Fafica não / uai / a Fafica tem quarenta-e / <quarenta-e>-pouco // \$
 *RUT: [48] uai / e cê acha isso velho / <Terezinha> // \$
 *RUT: [49] que que isso +\$. (C-oral Brasil: bfamcv02)

5.2.1.1.2 Meio

- (7) *CAR: [23] foi mão mesmo / varão // \$
 *JOS: [24] foi mão / ué // \$ tem que parar tem que bater / <uai> // \$. (C-oral Brasil: bfamcv05)

5.2.1.1.3 Fim

- (8) *LEO: [17] enquanto nũ chama eu nũ vou não / meu filho // \$
 *LEO: [18] yyyy nũ chamou / uê // \$
 *MUD: [19] hhh é // \$. (C-oral Brasil: bfamd119)

5.2.1.2 Posição na sentença

Quanto à sentença, Crystal (1988:235-236) assinala que esta é a maior unidade estrutural em termos da qual está organizada a gramática da língua. Na presente análise, o termo 'sentença' recebe um sentido mais amplo, incluindo casos considerados polêmicos como (a) sentenças elípticas ou fragmentos de sentenças: 'Daqui a pouco' em resposta à 'Você vai agora?', ou (b) sentenças secundárias: sim, não, por favor, etc. Os dados que seguem, extraídos da amostra, servem para exemplificar o mapeamento das variantes quanto à posição na sentença.

5.2.1.2.1 À esquerda

- (9) *ONO: [40] mas aquele yyy fala demais / hein // \$
 *CAR: [41] uai / ele conversa demais da conta // \$
 *ONO: [42] <quê> // \$. (C-oral Brasil: bfamcv11)

5.2.1.2.2 No interior

- (10) *TIT: [162] <Vixe'> // \$
 *ONO: [163] fazer defumador lá / ué / no lote // \$
 *CAR: [164] quer ajuda aí / mãe // \$. (C-oral Brasil: bfamcv10)

5.2.1.2.3 À direita

- (11) *CAR: [130] <ô gente> // \$
 *ONO: [131] <gordura tá quente já / uai> // \$
 *CAR: [132] essa faquinha tá <boa demais viu / pai> // \$. (C-oral Brasil: bfamcv11)

5.2.1.3 Presença x ausência de negação

Em relação a essa variável, foram identificados dois subfatores:

5.2.1.3.1 Presença de negação ou de item adversativo.

5.2.1.3.2 Ausência de negação ou de item adversativo.

5.2.2 Fatores externos

5.2.2.1 Sexo/Gênero

5.2.2.2 Faixa etária

Para esse fator, foram formados quatro grupos: de 18 a 25 anos, de 26 a 40 anos, de 41 a 60 anos, e mais de 60 anos.

5.2.2.3 Escolaridade

Os níveis de escolaridade investigados são três: primário (até 7 anos de escolaridade), 3º grau PSET (exercendo profissão sem exigência de título) e 3º grau PCET (exercendo profissão com exigência de título).

5.2.2.4 Domínio Discursivo

Quanto ao domínio discursivo, os dados distribuem-se em dois: domínio privado/familiar (interação entre amigos ou relações familiares) e domínio público (situações profissionais/institucionais: vendedor/cliente, aluno/professor, etc.)

5.2.2.5 Domínio da interação: conversação, diálogo e monólogo.

6. Análise dos resultados

Os dados utilizados nesta pesquisa foram submetidos ao programa computacional GOLDVARB 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). Foram computadas 178/65% ocorrências de ‘uai’ e 95/36% de ‘ué/uê’. Quatro dos oito fatores testados foram selecionados como quantitativamente significativos. Esse resultado confirma o comportamento variável dos itens analisados.

6.1 Fatores individuais

6.1.1 Posição no turno

TABELA 1: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição no turno

	<i>uai</i>			<i>ué/uê</i>			Total
	Número	Peso Relativo	%	Número	Peso Relativo	%	
Começo	45	0.79	83	9	0.21	17	54
Meio	42	0.40	59	29	0.60	41	71
Fim	91	0.41	61	57	0.59	39	148
Total	178			95			273

O fator ‘posição no turno’ foi o primeiro selecionado pelo Goldvarb (2001). De acordo com a tabela, a frequência de uso de ‘uai’ é superior em relação à ‘ué/uê’ nas três posições analisadas, sendo a posição final a mais frequente. Quanto ao peso relativo, verifica-se, uma polarização. ‘Uai’ tende a ocorrer preferencialmente em posição inicial de turno (.79), enquanto ‘ué/uê’ tem as posições de meio e fim como favorecedoras (.60/.59). Os dados estatísticos apontam para uma tendência geral: ‘uai’ em início de turno e ‘uê/ué’ em posição medial e final.

6.1.2 Posição na sentença

TABELA 2: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição na sentença

	<i>uai</i>		<i>ué/uê</i>		Total
	Número	%	Número	%	
À esquerda	46	74	16	26	62
No interior	4	44	5	56	9
À direita	128	63	74	37	202
Total	178		95		273

O grupo de fatores ‘posição na sentença’ não foi selecionado pelo Goldvarb (2001). Em níveis de frequência, tem-se que ‘uai’ ocorreu mais nas posições à esquerda e à direita (46/16-4/5-128/74). Comparando com o grupo de fatores ‘posição no turno’, a diferença reside na

posição final. A forma ‘uai’ é pouco favorecida na posição final de turno, porém é muito recorrente na posição à direita da sentença. Houve um número baixo de ocorrências no interior das sentenças e a diferença observada entre as duas formas não permite afirmar que houve um favorecimento de ‘uê/ué’ na posição interna.

6.1.3 Presença x ausência de negação

TABELA 3: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto ao contexto de negação

	<i>uai</i>			<i>ué/uê</i>			Total
	Número	Peso Relativo	%	Número	Peso Relativo	%	
Sem negação	135	0.27	75	44	0.73	25	179
Com negação	43	0.62	45	51	0.37	55	94
Total	178			95			273

Esse fator foi selecionado pelo Goldvarb (2001). Observa-se que a ocorrência de ‘uai’ é favorecida em contextos com negação (.62), em oposição a ‘ué/uê’, cujo contexto favorecedor é sem a presença de marca negativa.

6.1.4 Sexo/Gênero

TABELA 4: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto ao sexo/gênero

	<i>uai</i>			<i>ué/uê</i>			Total
	Número	Peso Relativo	%	Número	Peso Relativo	%	
Homens	138	0.55	68	64	0.45	32	202
Mulheres	40	0.34	56	31	0.66	44	71
Total	178			95			273

O terceiro grupo de fatores selecionado pelo Goldvarb (2001) foi ‘sexo/gênero’. Os resultados revelam, em peso relativo, que os homens usam mais a variante ‘uai’ (.55). As mulheres tendem a utilizar mais as formas ‘ué/uê’ (.66). Essa correlação leva à hipótese de que

'ué/uê' sejam não estigmatizados. A frequente busca da mulher pela ascensão social e sua maior responsabilidade em relação à criação dos filhos forçam um cuidado maior com a linguagem. Os resultados do próximo fator analisado, a escolaridade, poderão confirmar a avaliação de 'ué/uê' em contraposição a 'uai' depreendida aqui. A expectativa é o favorecimento de 'ué/uê' pelos mais escolarizados.

6.1.5 Escolaridade

TABELA 5: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto ao nível de escolaridade

	<i>uai</i>			<i>ué/uê</i>			Total
	Número	Peso Relativo	%	Número	Peso Relativo	%	
Primário	99	0.63	75	32	0.37	25	131
3º Grau PSET	37	0.46	57	27	0.54	43	64
3º Grau PCET	42	0.31	53	36	0.69	47	78
Total	178			95			273

O nível de escolaridade também foi selecionado pelo programa Goldvarb (2001). Note que, em frequência, os três níveis de escolaridade investigados realizam mais a forma 'uai'. O peso relativo revela que os informantes com até 7 anos de escolaridade tendem a usar a variante 'uai' (.63) e essa tendência decresce com o aumento da escolaridade e da exigência de título para exercer a profissão (.46/.31). Conclui-se, então, que pessoas com nível superior de escolaridade favorecem o uso das formas 'ué/uê' (.54/.69). Esse resultado reforça a hipótese de que apenas 'uai' seria uma forma estigmatizada.

6.1.6 Faixa etária

TABELA 6: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à faixa etária

	<i>uai</i>		<i>ué/uê</i>		Total
	Número	%	Número	%	
18-25	32	61	20	39	52
26-40	61	65	32	35	93
41-60	36	59	25	41	61
> 60	49	73	18	27	67
Total	178		95		273

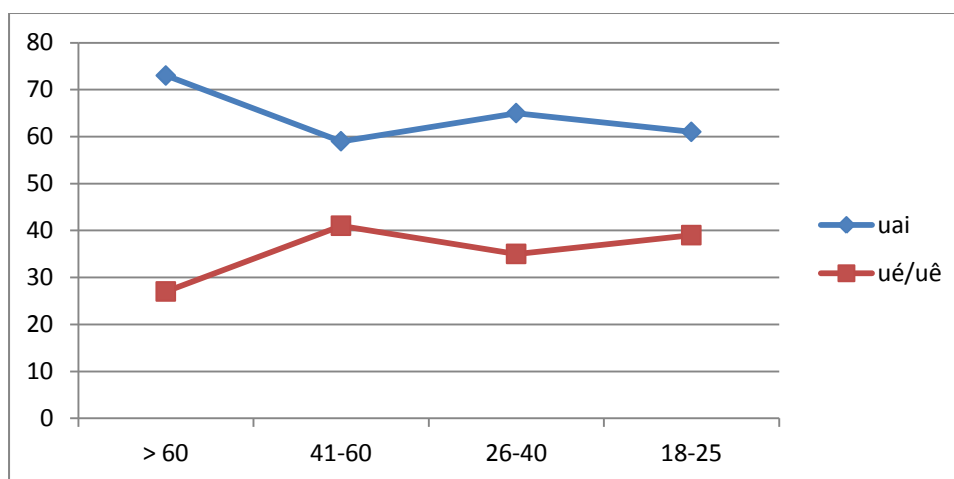


Gráfico 1: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à faixa etária

O grupo de fatores ‘faixa etária’ não foi selecionado pelo Goldvarb (2001). Nesta parte, considerou-se importante a introdução do gráfico referente à tabela para melhor visualização dos resultados. Observa-se que as variantes se encontram em variação estável.

6.1.7 Domínio discursivo

O domínio discursivo não foi selecionado como significativo pelo Goldvarb (2001). De acordo com informações do C-oral Brasil I (2012), a diferença entre contexto familiar/privado e

público busca retratar o papel com o qual o falante interage com outros indivíduos: (a) em relações familiares ou com amigos (privado/familiar) ou (b) em situações profissionais/institucionais: vendedor/cliente, aluno/professor, colega de trabalho, etc. Os dados da tabela (7) mostram que a frequência de ‘uai’ é maior nos dois contextos (139/79-39/16).

TABELA 7: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto ao domínio discursivo

	<i>uai</i>		<i>ué/uê</i>		Total
	Número	%	Número	%	
Privado	139	64	79	36	218
Público	39	71	16	29	55
Total	178		95		273

6.1.8 Domínio da interação

As três tipologias interacionais referem-se a textos dialógicos. De acordo com informações do C-oral Brasil I (2012), a tipologia ‘conversação’ diz respeito aos diálogos com mais de dois participantes. O ‘diálogo’, aqueles textos dialógicos em que há a participação predominante de dois participantes. O ‘monólogo’ refere-se a diálogos em que um dos participantes é instigado a produzir turnos bastante longos, como em entrevistas em que é solicitado ao entrevistado contar/relatar um acontecimento de sua vida.

TABELA 8: Distribuição das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à interação

	<i>uai</i>		<i>ué/uê</i>		Total
	Número	%	Número	%	
Conversa	108	63	61	37	169
Diálogo	60	67	29	33	89
Monólogo	10	66	5	34	15
Total	178				273

O Goldvarb (2001) não selecionou o grupo de fatores domínio interacional. De acordo com a tabela (8), em níveis percentuais, ‘uai’ é mais recorrente em todas as três tipologias (63/37-67/33-66/34). Tanto ‘uai’ quanto ‘ué/uê’ foram mais frequentes nas tipologias conversa e diálogo. Isso revela o forte desempenho desses itens na interação.

6.2. Cruzamento entre os fatores

6.2.1 Posição na Sentença x Sexo/gênero

TABELA 9: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição na sentença e ao sexo/gênero dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	n ⁶	Uai	Ué/Uê
			%	%
Posição Sentença x Sexo	À esquerda - masculino	34	74	26
	No interior - masculino	5	40	60
	À direita - masculino	163	68	32
	À esquerda – feminino	28	75	25
	No interior - feminino	4	50	50
	À direita - feminino	39	44	56

A tabela mostra que homens tendem a usar ‘uai’ em início e fim de sentença e mulheres favorecem a posição inicial. Em relação a ‘ué/uê’, a tendência é homens favorecer o contexto medial e as mulheres, a posição final.

⁶ n = total de ocorrências.

6.2.2 Posição na Sentença x Escolaridade

TABELA 10: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição na sentença e à escolaridade dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Posição Sentença x Escolaridade	À esquerda - primário	20	70	30
	No interior - primário	3	67	33
	À direita - primário	108	77	23
	À esquerda - 3º PSET	17	76	24
	No interior - 3º Grau PSET	3	33	67
	À direita - 3º Grau PSET	44	52	48
	À esquerda - 3º PCET	25	76	24
	No interior - 3º Grau PCET	3	33	67
	À direita - 3º Grau PCET	50	44	56

Os dados revelam que o nível primário de escolaridade favorece o emprego de ‘uai’ nas três posições. O nível de escolaridade intermediário favorece ‘uai’ nas posições inicial e final. Já o grupo de informantes do nível de escolaridade PCET favorece ‘uai’ apenas na posição inicial.

6.2.3 Posição na Sentença x Idade

TABELA 11: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição na sentença e à idade dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	N	Uai		Ué/Uê	
			N	%	N	%
Posição Sentença x Idade	À esquerda - 18-25	13	77	23		
	No interior - 18-25	1	0	100		
	À direita - 18-25	38	58	42		
	À esquerda - 26-40	18	89	11		
	No interior - 26-40	3	67	33		
	À direita - 26-40	72	60	40		
	À esquerda - 41-60	18	72	28		
	No interior - 41-60	4	50	50		
	À direita - 41-60	39	54	46		
	À esquerda - > 60	13	54	46		
	No interior - > 60	1	0	100		
	À direita - > 60	53	79	21		

De acordo com os dados, houve um favorecimento desigual entre as faixas etárias. Os informantes entre 18-25 e > 60 anos tendem a usar *uai* em posições inicial e final de sentenças e ‘*ué/uê*’ em posição medial. A faixa de 26 a 40 anos favorece ‘*uai*’ nas três posições. Já a faixa entre 41-60 anos favorece a posição inicial e final para ‘*uai*’ e não apresenta favorecimento em relação à posição medial.

6.2.4 Posição na Sentença x Interação

TABELA 12: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição na sentença e à interação

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai		Ué/Uê
			%	%	
Posição Sentença x Interação	À esquerda - conversação	29	69	31	
	No interior - conversação	7	43	57	
	À direita - conversação	133	64	36	
	À esquerda - diálogo	27	81	19	
	No interior - diálogo	2	50	50	
	À direita - diálogo	60	62	38	
	À esquerda - monólogo	6	67	33	
	No interior - monólogo	0	0	0	
	À direita - monólogo	9	67	33	

Conforme a tabela, as posições inicial e final favorecem o uso de ‘uai’ nos três domínios discursivos, enquanto ‘ué/uê’ tende a ocorrer na posição medial na conversação.

6.2.5 Posição na Sentença x Domínio Discursivo

TABELA 13: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição na sentença e ao domínio discursivo

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai		Ué/Uê
			%	%	
Posição Sentença x Domínio Discursivo	À esquerda - público	4	50	50	
	No interior - público	1	0	100	
	À direita - público	50	74	26	
	À esquerda - privado	58	76	24	
	No interior - privado	8	50	50	
	À direita - privado	152	60	40	

Verifica-se que ‘u^é/u^ê’ ocorre preferencialmente no meio de sentença na interação pública. ‘Uai’ tende a ocorrer no início e no fim de sentença na interação privada e é mais recorrente no fim em interações públicas.

6.2.6 Posição no Turno x Escolaridade

TABELA 14: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *u^é/u^ê* quanto à posição no turno e à escolaridade dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	U ^é /U ^ê
			%	%
Posição Turno x Escolaridade	Começo - primário	17	76	24
	Meio - primário	35	77	23
	Fim - primário	79	75	25
	Começo - 3º PSET	15	93	7
	Meio - 3º Grau PSET	17	47	63
	Fim - 3º Grau PSET	32	47	53
	Começo - 3º PCET	22	82	18
	Meio - 3º Grau PCET	19	37	63
	Fim - 3º Grau PCET	37	46	54

Nota-se que o nível primário favorece a ocorrência de ‘uai’ nas três posições. Em relação aos demais níveis de escolaridade, ‘uai’ é favorecido na posição inicial e ‘u^é/u^ê’, nas posições medial e final de turno.

6.2.7 Posição no Turno x Sexo/gênero

TABELA 15: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição no turno e ao sexo/gênero dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	Uai		Ué/Uê
		n	%	%
Posição Turno x Sexo	Começo - masculino	30	87	13
	Meio - masculino	54	61	39
	Fim - masculino	118	79	21
	Começo – feminino	24	79	21
	Meio - feminino	17	53	47
	Fim - feminino	30	40	60

Verifica-se que, enquanto homens favorecem as três posições de turno para a ocorrência de ‘uai’, as mulheres tendem a usar o item na posição inicial e medial e ‘ué/uê’ na posição final.

6.2.8 Posição no Turno x Idade

TABELA 16: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição no turno e à idade dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Posição Turno x Idade	Começo - 18-25	12	83	17
	Meio - 18-25	11	64	36
	Fim - 18-25	29	52	48
	Começo - 26-40	19	89	11
	Meio - 26-40	19	58	42
	Fim - 26-40	55	60	40
	Começo - 41-60	15	80	20
	Meio - 41-60	16	44	66
	Fim - 41-60	30	57	43
	Começo - > 60	8	75	25
	Meio - > 60	25	68	32
	Fim - > 60	34	76	24

De acordo com os dados, apenas a faixa etária 41-60 favorece ‘ué/uê’ na posição medial.

As demais faixas etárias tendem a usar ‘uai’ com maior frequência nas três posições.

6.2.9 Posição no Turno x Domínio da Interação

TABELA 17: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição no turno e à interação

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Posição Turno x Interação	Começo - conversação	27	78	22
	Meio - conversação	41	59	41
	Fim - conversação	101	62	38
	Começo - diálogo	24	92	8
	Meio - diálogo	26	58	42
	Fim - diálogo	39	59	41
	Começo - monólogo	3	67	33
	Meio - monólogo	4	75	25
	Fim - monólogo	8	62	38

Conforme os dados, ‘uai’ é mais recorrente nas três posições em todos os domínios da interação.

6.2.10 Posição no Turno x Domínio Discursivo

TABELA 18: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à posição no turno e ao domínio discursivo

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Posição Turno x Domínio Discursivo	Começo - público	1	100	0
	Meio - público	21	57	43
	Fim - público	33	79	21
	Começo - privado	53	83	17
	Meio - privado	50	60	40
	Fim - privado	115	57	43

Os dados mostram que ‘uai’ é favorecido nas três posições tanto no domínio público quanto no domínio privado.

6.2.11 Sexo x Idade

TABELA 19: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto ao sexo e à idade dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Sexo x Idade	masculino - 18-25	34	74	26
	feminino - 18-25	18	39	61
	masculino - 26-40	79	68	32
	feminino - 26-40	14	50	50
	masculino - 41-60	39	54	46
	feminino - 41-60	22	68	32
	masculino - > 60	50	76	24
	feminino - > 60	17	65	35

De acordo com os dados, verifica-se que os homens de faixa etária mais jovem, entre 18-40 anos, favorecem o uso de ‘uai’ e as mulheres parecem não apresentar preferência entre as duas variantes na faixa entre 26-40 anos, porém favorecem ‘ué/uê’ na faixa 18-25 anos. Na faixa entre 41-60 anos e > 60 anos, tanto homens quanto mulheres tendem a usar ‘uai’ com maior frequência.

6.2.12 Sexo x Interação

TABELA 20: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto ao sexo e à interação

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Sexo x Interação	masculino - conversaço	134	66	34
	feminino - conversaço	35	57	43
	masculino - diálogo	59	73	27
	feminino - diálogo	30	57	43
	masculino - monólogo	9	78	22
	feminino - monólogo	6	50	50

Observa-se que os homens tendem a usar mais a forma ‘uai’ em todos os domínios da interação. Já as mulheres favorecem o emprego de ‘uai’ apenas nos domínios ‘conversação’ e ‘diálogo’.

6.2.13 Sexo x Domínio Discursivo

TABELA 21: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto ao sexo e ao domínio discursivo

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Sexo x Domínio Discursivo	masculino - público	47	79	21
	feminino - público	8	25	75
	masculino - privado	155	65	35
	feminino - privado	63	60	40

No domínio público, homens tendem a usar ‘uai’ e mulheres, ‘ué/uê’. Já no domínio privado, ambos favorecem o uso de ‘uai’. Essa conclusão mostra que a tendência das mulheres em evitar a variante ‘uai’, de modo geral, como foi atestado no capítulo anterior não parece estar diretamente correlacionado com sua função de criar e educar os filhos. Parece muito mais estar ligado ao papel social que ela desempenha em contextos públicos como profissional.

6.2.14 Sexo x Escolaridade

TABELA 22: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto ao sexo e à escolaridade dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Sexo x Escolaridade	masculino - primário	107	80	19
	feminino - primário	24	54	46
	masculino - 3º Grau PSET	28	61	39
	feminino - 3º Grau PSET	36	56	44
	masculino - 3º Grau PCET	67	52	48
	feminino - 3º Grau PCET	11	64	36

Nos níveis primário e 3º grau PCET, tanto homens quanto mulheres tendem a usar mais a variante ‘uai’. Já no nível intermediário, ambos favorecem ‘uai’. É interessante observar que se esperava uma maior preocupação das mulheres no nível 3º grau PCET, já que elas tendem a usar ‘ué/uê’ na interação pública. Esse resultado pode estar sofrendo interferência do fator idade como se vê na análise a seguir.

6.2.15 Escolaridade x Idade

TABELA 23: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à escolaridade e à idade dos informantes

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Escolaridade x Idade	primário - 18-25	15	93	7
	3º Grau PSET - 18-25	20	40	60
	3º Grau PCET - 18-25	17	59	41
	primário - 26-40	29	83	17
	3º Grau PSET - 26-40	24	58	42
	3º Grau PCET - 26-40	40	58	42
	primário - 41-60	28	64	36
	3º Grau PSET - 41-60	15	73	27
	3º Grau PCET - 41-60	18	39	61
	primário - > 60	59	73	27
	3º Grau PSET - > 60	5	80	20
	3º Grau PCET - > 60	3	67	33

A tabela mostra que, entre os mais jovens, apenas os de nível de escolaridade intermediário favorecem o uso de ‘ué/uê’. Entre 26-40 anos, todos tendem a usar ‘uai’. Entre os da faixa etária 41-60, houve um favorecimento das formas ‘ué/uê’ pelos informantes com terceiro grau PCET. Já na faixa acima de 60 anos, a preferência é pela variante ‘uai’. Nota-se com essa análise que o fator idade pode estar interferindo nos resultados do cruzamento entre sexo e escolaridade, pois os mais velhos favorecem o uso de ‘uai’.

6.2.16 Escolaridade x Interação

TABELA 24: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à escolaridade e à interação

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai		Ué/Uê
			%	%	
Escolaridade x Interação	primário - conversação	93	71	29	
	3º Grau PSET - conversação	26	62	38	
	3º Grau PCET - conversação	50	52	48	
	primário - diálogo	33	85	15	
	3º Grau PSET - diálogo	33	58	42	
	3º Grau PCET - diálogo	23	57	43	
	primário - monólogo	5	100	0	
	3º Grau PSET - monólogo	5	40	60	
	3º Grau PCET - monólogo	5	60	40	

A tabela revela que, no monólogo, apenas o nível de escolaridade intermediário favorece o uso de ‘ué/uê’. No diálogo e na conversação, ‘uai’ é favorecido nos três níveis. Mais uma vez, o fator idade pode estar interferindo nesses resultados já que se espera um uso maior de ‘ué/uê’ no nível 3º grau PCET.

6.2.17 Escolaridade x Domínio Discursivo

TABELA 25: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à escolaridade e ao domínio discursivo

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai		Ué/Uê
			%	%	
Escolaridade x Domínio Discursivo	primário - público	27	96	4	
	3º Grau PSET - público	10	20	80	
	3º Grau PCET - público	18	61	39	
	primário - privado	104	70	30	
	3º Grau PSET - privado	54	65	35	
	3º Grau PCET - privado	60	52	48	

Verifica-se que ‘uai’ é preferido na interação privada/familiar nos três níveis de escolaridade analisados. Já na interação pública, houve um favorecimento de ‘ué/uê’ pelo nível de escolaridade intermediário.

6.2.18 Idade x Interação

TABELA 26: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à idade e à interação

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Idade x Interação	conversaço - 18-25	27	59	41
	diálogo - 18-25	23	65	35
	monólogo - 18-25	2	50	50
	conversaço - 26-40	57	63	37
	diálogo - 26-40	35	69	31
	monólogo - 26-40	1	100	0
	conversaço - 41-60	39	67	33
	diálogo - 41-60	16	44	56
	monólogo - 41-60	6	50	50
	conversaço - > 60	46	65	35
	diálogo - > 60	15	93	7
	monólogo - > 60	6	83	17

De acordo com a tabela, ‘uai’ foi favorecido nos três domínios discursivos em rela o às faixas etárias maior que 60 anos e entre 26-40 anos. Na faixa mais jovem, ‘uai’ tende a ser usado nos domínios conversaço e diálogo e não houve favorecimento entre as variantes no domínio monólogo. O contrário ocorreu na faixa 41-60 anos, em que houve favorecimento das formas ‘u /u ’ no diálogo.

6.2.19 Idade x Domínio Discursivo

TABELA 27: Cruzamento das ocorrências de *uai* e *ué/uê* quanto à idade e ao domínio discursivo

Variáveis Independentes	Fatores	n	Uai	Ué/Uê
			%	%
Idade x Domínio Discursivo	público - 18-25	19	63	37
	privado - 18-25	33	61	39
	público - 26-40	27	78	22
	privado - 26-40	66	61	39
	público - 41-60	8	62	38
	privado - 41-60	53	58	42
	público - > 60	1	100	0
	privado - > 60	66	73	27

A tabela mostra que todas as faixas etárias apresentam preferência pela forma ‘uai’ nos dois domínios discursivos analisados.

7. Conclusões

Como pôde ser observado, dos 8 (oito) fatores submetidos ao teste estatístico, 4 (quatro) foram selecionados pelo Goldvarb (2001). Isso revela que os itens analisados apresentam comportamento variável. De acordo com os resultados selecionados pelo programa, podemos apontar uma tendência geral: (1) ‘uai’ tende a ocorrer em posição inicial de turno, em contextos com negação e na fala de pessoas com menor nível de escolaridade e do sexo/gênero masculino; e (2) ‘ué/uê’ é favorecido em posição interna e final de turnos, em contextos sem marca de negação e na fala de pessoas com maior nível de escolaridade e do sexo/gênero feminino. Em relação aos cruzamentos, temos também resultados interessantes. O cruzamento ‘sexo/gênero x domínio discursivo’ revelou que as mulheres tendem a usar a forma ‘uai’ em contextos

‘familiar/privado’ e ‘ué/uê’ em domínio público. Isso mostra que a maior frequência de uso das variantes ‘ué/uê’ por mulheres parece estar mais relacionada com a posição social que desempenham em interações públicas do que em relação ao cuidado com linguagem na educação dos filhos.

CAPÍTULO III

EMERGÊNCIA DAS INTERJEIÇÕES: UMA HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DE ‘UAI’

1. Introdução

O propósito do capítulo é mostrar que a emergência de interjeições configura um processo de gramaticalização. Nosso objeto de análise é a origem da partícula ‘uai’.

Este capítulo vai se organizar da seguinte forma. Inicialmente serão apresentadas algumas explicações sobre a origem de interjeições presentes em gramáticas, dicionários e em abordagens sobre etimologia. Em seguida serão fornecidas explicações presentes em estudos sobre gramaticalização. Por fim, o foco será na hipótese formulada por Amadeu Amaral, no livro ‘Dialeto Caipira’, avaliando-a à luz de uma teoria fonológica e semântica.

2. Explicações etimológicas sobre a origem das interjeições

Bueno (1963:15-16) explica que os primeiros estudos etimológicos, baseados em métodos interpretativos, vieram dos gregos. Qualquer semelhança fônica, por mais frouxa que fosse, era já o suficiente para afirmar que uma determinada palavra tinha origem na sua correspondente. Foi assim com ‘mulier’ que teria tido sua origem em ‘molis’, ou seja, a mais mole ou suave, em oposição a ‘homem’, mais duro e mais forte. Além dessa semelhança fônica, havia também interpretações mais férteis, como a origem de ‘asterisco’ - usado antes de palavras obscuras para que as esclareça - cuja existência teria motivação nos ‘astros’, em que a função entendida é a de iluminar o que não é claro.

Esse método interpretativo perdurou entre os autores medievais e repercutiu em muitos autores do nosso tempo. Segundo Bueno, um inglês teria afirmado que ‘tree’ teve origem em ‘three’ porque a árvore é formada por três partes: raiz, tronco e galhos. Outros métodos também foram empregados como (1) a decomposição de palavras: ‘misericórdia’ (cordia + miseris), significando corações inclinados aos míseros e (2) a composição de elementos para a constituição de uma nova palavra: ‘news’ teria sido formada a partir das iniciais dos quatro pontos cardeais.

Mais tarde, essa interpretação fértil e individual, tornou-se uma ciência com princípios e métodos rigorosos (etimologia), a partir do conceito de raiz, prefixo, sufixo, leis fonéticas e princípios semânticos utilizados para contrastar vocábulos de diferentes línguas. Porém, esse método comparativo encontra limites, como a falta de dados.

Rousseau ([1755]; trad. Moretto: 1998:116-117) considera insustentável a ideia de que os homens tenham inventado a palavra para expressar suas primeiras necessidades. Para o autor, foram as paixões que lhes arrancaram suas primeiras vozes. Pode-se alimentar de um fruto ou perseguir uma presa sem expedir uma só palavra, mas não se pode comover um jovem coração ou repelir um agressor injusto sem emitir acentos, gritos ou lamentos.

Barbosa (1881:70) afirma que as interjeições

são a linguagem primitiva que a natureza mesma ensina a todos os homens logo que nascem, para indicarem o estado de dor ou de prazer interior em que sua alma se acha, e por isso devem ter o primeiro lugar na ordem das partes da oração, e antes mesmo dos nomes e mais partes discursivas que os gramáticos costumam pôr primeiro.

Veja-se que a explicação de Barbosa segue a concepção de Rousseau e, ao mesmo tempo, atribui às interjeições um estatuto gramatical, qualitativamente distinto das demais partes do discurso, já que seria a manifestação de “linguagem primitiva”.

Um tratamento semelhante ao de Barbosa é encontrado em Gonçalves (2002:144-145). Este autor analisa dois fenômenos que considera serem específicos das interjeições. O primeiro deles refere-se à gênese da interjeição ou interjeição *in statu nascendi*. Em seu estágio inicial, a interjeição seria um som instintivo, desprovido de qualquer intencionalidade e motivado por erupções emotivas como ocorre com o grito, o gemido, o suspiro, etc. Dessa fase até a constituição da interjeição propriamente dita, haveria duas etapas intermediárias fundamentais: (1) o grito deixaria de ser um simples sinal natural e se constituiria em um fenômeno intencional; e (2) a intencionalidade atribuiria a esse som, antes sem forma definida, um ‘objeto sonoro’ articulado. No final desse processo de constituição da interjeição, ou seja, o segundo fenômeno, seria a desarticulação desse ‘objeto sonoro’ do ‘grito’ que o deu origem, assumindo notória independência como significante, como elemento discursivo. Apesar dessa independência, o autor explica que a interjeição não chega a alcançar o *status* de verdadeira palavra por possuir conteúdo informativo mínimo e não desempenhar função na frase, ocupando, por isso, lugar marginal nas categorias linguísticas.

Outro autor que também atribui um estatuto semelhante às interjeições é Viaro (2012).

Para o autor

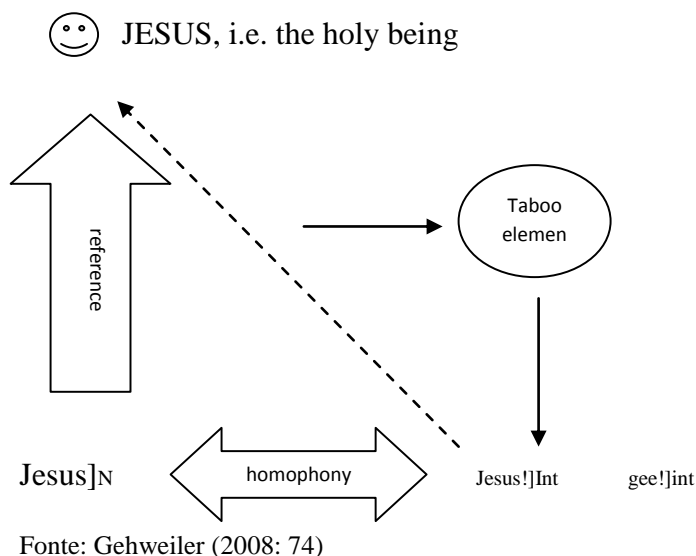
“as interjeições não são palavras (...) são signos muito especiais. Independem da oração, às vezes valem por uma oração inteira. Não participam do mesmo sistema fonológico presente nas demais palavras. (...) Se expressões e nomes próprios têm etimologias muito difíceis, as interjeições (...) têm etimologia impossível.” (Viaro, 2012: 22)

Essas explicações, embora curiosas, soam um tanto intuitivas. Estudos recentes sobre o fenômeno interjetivo revelam que algumas formas, consideradas primárias, resultam de um processo de mudança linguística a partir de vocábulos ou nomes pré-existentes na língua. A próxima seção tratará dessa bibliografia.

Antes de encerrar esta seção, é necessário ressaltar que alguns gramáticos tradicionais sustentaram posicionamentos diferentes em relação à origem das interjeições. Um deles é Said Ali (1971:112). O autor atesta a interjeição ‘ai’ no falar de personagens do teatro de Gil Vicente, em diferentes acepções: ‘dor física’, ‘suspiro’, ou ‘manifestação de surpresa’, etc. Said Ali afirma que esta interjeição do português teria tido origem na forma latina ‘ei’. Conforme informa Faria (1967:341), a forma latina ‘ei’ seria um dativo do pronome ‘is’ e nominativo plural masculino. Esse achado revela que interjeições consideradas primárias, ou gritos instintivos, podem, num estágio mais remoto da língua, ter-se derivado de formas já existentes no idioma.

3. Abordagens formais sobre a origem das interjeições

Gehweiler (2008) analisou a interjeição inglesa ‘gee!’ e argumentou que sua origem teria sido o uso do nome próprio ‘Jesus’, como forma interjetiva. Através de um estudo diacrônico, a autora mostra que em um estágio inicial, tanto ‘Jesus’ (nome próprio) quanto ‘jesus!’ (interjeição) ocorriam em contextos intercambiáveis, evidenciando a emergência e consolidação da interjeição. A hipótese é a de que o falante, em contextos não religiosos, não queria levar o nome de ‘Jesus’ em vão, provocando modificações fônicas nessa palavra. Tais modificações teriam concorrido por atuação de processos morfofonéticos como: (a) substituição de vogais (em Alemão ‘jesus!’ passaria a ‘jesses!, ‘josses!’, etc.); (b) substituição de consoantes (em inglês ‘god!’ passaria a ‘gosh!’); ou (c) inserção de sílaba (em italiano ‘madonna!’ passaria a ‘madonna!’). Essas substituições teriam forçado uma desconexão semântica entre o nome próprio e seu uso interjetivo devido à perda da homofonia. O diagrama abaixo mostra essa perda de laços.



Nesse diagrama, a linha pontilhada revela que a interjeição secundária ‘jesus!’, por questões de homofonia, mantém ligação com seu referente. Modificações fônicas levam à emergência de uma nova forma, ‘gee!’, cuja associação com o referente é totalmente obscurecida. Vários expletivos do inglês, segundo Gewheiler, teriam tido origem a partir de nomes próprios do domínio religioso. De ‘Jesus’, tem-se: gee, gewiz, jeez, jeeze, gemini, gis, jis, jebus, jeeper, creepers, jason crisp, etc. De ‘God’ teriam surgido formas como: agad; bosh; cod; cokk; côm; cor; ecod; egad; gad; gorry; gol; goles, etc.

Ramos (2009) propõe que um processo semelhante tenha ocorrido com as interjeições ‘nó!’ e ‘nu!’. A autora argumenta que essas expressões tiveram origem no uso da expressão ‘Nossa Senhora!’, usada inicialmente como ‘súplica’ e depois como ‘evocação’ e posteriormente como ‘manifestação de surpresa’, ‘susto’, ‘medo’, etc. Nestes últimos usos já haveria a presença do que Gewheiler (2008) chama de força interjetiva. A evolução poderia ser descrita como um processo no qual um item referencial passa a um item menos referencial, na medida em que manifesta emoções do falante. Tal processo teria concorrido para a perda de substância fônica, originando as formas reduzidas. A análise, feita com base no tempo aparente, constatou a

atuação dos processos (a) queda de vogais e (b) queda de consoantes. O percurso proposto pela autora pode ser assim resumido:

‘Nossa Senhora_{expressão referencial}> Nossa Senhora!_{evocação}> Nossa!>Nó!>Nu!’.

Estes dois estudos identificam nomes próprios como origem de interjeições. Diferentemente das abordagens filológicas, mostram que as interjeições não seriam uma classe cujo estatuto gramatical estaria aquém das demais classes de palavras. Pelo contrário, tais estudos assumem serem as interjeições uma etapa do processo de gramaticalização. Na próxima seção vamos discutir um caso de interjeição que evoluiu a partir de uma forma verbal.

4. Investigando a origem de ‘uai’

O número de hipóteses que tentam explicar o surgimento de ‘uai’ não é nada tímido. Conseguimos enumerar, até o presente momento, um total de 10 (dez).⁷

Amaral ([1920] 1976:190), no famoso livro ‘O Dialeto Caipira’, registrou a ocorrência desse item no falar de roceiros paulistas no noroeste do Estado de São Paulo e afirma haver existido no falar dessa comunidade as formas ‘olhai’, ‘oiái’, ‘uiái’, ‘uai’, ‘uéi~ué’ e ‘uêi~uê’, todas desempenhando a mesma função comunicativa (assinalar ‘surpresa’ ou ‘espanto’), ou seja, seriam formas variantes. Essa descoberta levou o autor a propor que o item ‘uai’ é um

7 São elas: (1) desenvolvimento diacrônico a partir do vocábulo ‘olhai’; (2) empréstimo linguístico do inglês britânico na Região de Nova Lima no século XIX; (3) empréstimo italiano (interjeição ‘guai’); (4) empréstimo linguístico espanhol (interjeição ‘guay’); (5) empréstimo português, a partir das interjeições ‘ah!’ e ‘oh!’; (6) empréstimo linguístico alemão; (7) empréstimo linguístico do japonês; (8) desenvolvimento diacrônico dos vocábulos ‘guai’ e ‘gué’, do português rústico; (9) herança indígena e (10) origem provincial, relacionada com a conspiração dos inconfidentes no século XVIII. O foco aqui será na hipótese (1), proposta por Amaral ([1920]1976:190). Uma discussão sobre as demais hipóteses encontra-se no Anexo I.

brasileirismo e teria surgido no dialeto paulista a partir de sucessivas mudanças fônicas do vocábulo ‘olhai’. Amaral ([1920]1976:190) assim registra tal processo:

Talvez provenha de **olhai** por oi*ai* > ui*ai* > uai > uéi > ué’.

Batista (2013) investigou se há ocorrências das formas citadas por Amaral em corpus que contêm amostras de fala de comunidades do noroeste de São Paulo, que é a mesma comunidade estudada por Amaral. Batista encontrou ocorrências de ‘uai’ e ‘ué’ no corpus do Projeto ALIP/Iboruna. A análise de textos de romances sobre a mesma região revela ocorrências da forma ‘ui*ai*’, ‘uê’, ‘uá*i*’ e ‘u*éi*’ na fala de alguns personagens (PIRES, 1927:16-30). As demais formas citadas por Amaral não foram encontradas nesse conjunto de dados. Os achados de Batista constituem indícios interessantes se tivermos em conta que Amadeu Amaral publicou sua obra em 1920 e a investigação de Batista foi feita em 2013, um espaço de mais de 90 anos. Comparando-se as duas listas de ocorrências, podemos ordená-las, formando etapas de um mesmo percurso:

- (1) a. olhai’ > ‘oi*ai*’ > ‘ui*ai*’ > ‘uai’ > ‘u*éi*~u*é*’ > ‘uêi~uê’ (Amaral, 1920)
 b. ‘ui*ai*’ > ‘uai’ > ‘u*éi*’ > ‘uê’ (Pires, 1927)
 c. ‘uai’ > ‘ué’ > (Batista, 2013)

A comparação entre (a), (b) e (c) sugere, de fato, um percurso único, em que algumas fases ainda são documentadas e outras se perderam. Parece estarmos diante de um processo de mudança linguística.

Batista e Camargos (2011) tomaram (1a) como uma mudança linguística, com o propósito de verificar se, do ponto de vista fonológico, os processos ali retratados seriam viáveis. A descrição proposta foi a seguinte: inicialmente, teria havido vocalização do ‘lh’. Essa forma, conforme Christófaros-Silva (2005:148) apresenta três diferentes alofones no português

brasileiro: [ʌ], [i] e [y]. O que teria ocorrido no dialeto em análise teria sido a vocalização de [ʌ] em [y], cuja qualidade sonora é semelhante à vogal [i]. Tal alternância é bastante comum no dialeto investigado, atestada em palavras como: espaiado~espalhado, maio~malho, muié~mulher, fio~filho. Portanto, seria uma mudança fonologicamente viável.

Sobre a alternância ‘oiai’/ ‘uiai’, teria havido alçamento da vogal [o] para [u]. Esses sons são considerados foneticamente semelhantes, pois há apenas um traço que os distingue: a altura da língua no trato vocal. Trata-se de um fenômeno bastante comum no português brasileiro, conhecido como alçamento de vogal pré-tônica. No falar típico da comunidade em análise, não são poucos os casos em que se verifica esse tipo de alçamento. Haja vista o registro de ocorrências como ‘cuzinha’ e ‘dumingo’, além de formas infinitivas de verbos terminados em –ir: buli(r), tussi(r), etc.

Na transição ‘uiai’/ ‘uai’, teria havido cancelamento de [y]. Batista e Camargos encontraram aí uma possível barreira. No dialeto estudado por Amaral, é comum a monotongação em ocorrências em que o [y] é antecedido de [e] e seguido de [a] em fronteira de sílaba, como ‘cêa~ceia’ e ‘vêa~veia’. Embora em ‘uiai’ o [y] ocorra em fronteira de sílaba e seguido de [a], o antecedente é [u]. Mais, a tonicidade seria na segunda sílaba em vez da primeira como em ‘ceia’. Assim, como houve falta de registros que pudessem confirmar um processo natural de síncope de [y] no contexto fônico de ‘uiai’ na comunidade analisada, os autores consideraram essa mudança como acidental ou isolada.

Por fim, a alternância ‘uai’/ ‘uéi’/ ‘ué’ ~ ‘uêi’/ ‘uê’ parece ser bastante produtiva na gramática do dialeto analisado. A variação fônica do ditongo [ay] em [ɛy] foi encontrada em

palavras como ‘réiva’ e ‘téipa’. Amaral não registrou vocábulos que pudessem mostrar o mesmo fenômeno para a forma fechada ‘ê’. Temos ainda a síncope do [y] em ‘uéi’ e ‘uêi’. Bisol (1989:189-190) separa os ditongos em duas classes distintas: ditongos verdadeiros (ou pesados) e ditongos leves. Para a autora, ditongos pesados tendem a ser preservados e os leves, perdidos. A preservação estaria relacionada com a possibilidade de formação de pares mínimos. A supressão da vogal simples (ou semivogal) em ditongos pesados acarreta mudança de sentido, enquanto nos ditongos leves, não. Os pares ‘laudo’ / ‘lado’ e ‘beira’ / ‘bera’ mostram que a variação no segundo par é meramente fonética. É o que parece ter ocorrido com as formas ‘uéi’ ~ ‘ué’ e ‘uêi’ ~ ‘uê’, em que o apagamento de [y] não interfere no sentido.

Batista e Camargos (2011) avaliam que a hipótese sugerida por Amaral cumpre as exigências esperadas para a emergência e consolidação das formas apontadas. No nível fônico, as alternâncias seguiram um processo de mudança articulatória comum na gramática do dialeto.

Uma vez discutidos, do ponto de vista fonológico, os limites e as viabilidades da hipótese de Amaral sobre a origem de ‘uai’ a partir da forma verbal ‘olhai’, analisemos agora a viabilidade desta hipótese do ponto de vista semântico.

O item que serviu de base para o surgimento de ‘uai’ seria de uma forma verbal flexionada no imperativo: ‘olhai’. O desbotamento semântico, responsável pela reanálise verbo > interjeição, teria sido viabilizado pela função discursiva desse modo verbal. Verbos de percepção no modo imperativo tendem a derivar marcadores discursivos (ROST-SNICHELOTTO, 2008). Isso distanciaria a forma ‘olhai’ de seu significado referencial (percepção visual), permitindo-se operar no nível discursivo.

Said Ali (1951: 64-66) já havia atribuído às formas imperativas do verbo ‘olhar’ (‘olhe’/’olha’) um significado no nível discursivo, para além de sua acepção de perceber algo

com o olhar. O autor cita ocorrências cuja interpretação é de ‘chamar a atenção do ouvinte’, ‘reflexão’, ‘cautela’, entre outras.

Gonçalves (2002:513-527) também analisou a forma ‘olha’ e identificou seu ‘status’ de interjeição. De acordo com o autor, esse item, à semelhança do que ocorre com outras formas do imperativo (‘safa!’, ‘desanda!’, ‘livra!’), passou a desempenhar função discursiva de reprovação, indignação, incredulidade entre outras.

Rost-Snichelotto (2008) argumenta que a classe dos verbos flexionados no imperativo constitui uma fonte geradora de marcadores discursivos, como o caso da forma verbal ‘olha’, que de item lexical pleno, em alguns contextos, tem seu significado deslocado para o espaço discursivo. Um exemplo típico dessa transição é sua associação com o locativo ‘aqui’, empregado como forma de chamar atenção do interlocutor. Além desse desbotamento semântico, tem-se que o vocábulo ‘olha’ também é codificado com outras opções fônicas: ‘olha’~’olhe’~[ɔya]~[ɔy]~[ɔ].

Considerando que, nos capítulos anteriores, argumentou-se que interjeições têm o estatuto gramatical de marcadores discursivos e que não são adequadamente descritas como pré-palavra ou grito, encontra-se nestes estudos uma evidência a mais a favor da hipótese de Amaral ([1920] 1976).

5. Conclusões

Neste capítulo tratou-se da origem das interjeições. Inicialmente foram apontadas duas correntes de análise: (I) a de que a busca da origem das interjeições é impossível e (II) a de que as interjeições têm sua origem em palavras de conteúdo.

A discussão sobre a origem das interjeições mostrou que, na literatura, várias investigações foram bem sucedidas na busca dos termos a partir dos quais teve origem uma interjeição:

‘Jesus!’ > ... > ‘gee!’
 ‘Nossa Senhora!’ > ... > ‘Nó!’ > ‘Nu!’
 ‘Olha!’ > ... > ‘Ó’
 ‘ei!’ > ... > ‘ai!’

A inclusão do percurso ‘olhai!’ > ... > ‘uai!’ nesse rol, a partir da hipótese proposta por Amaral ([1920] 1976) e discutida em Batista e Camargos (2011), teria duas vantagens: (1) aumentar o número de evidências do percurso verbo > interjeição; e (2) documentar mais um caso do percurso imperativo > ... > interjeição. Sendo o imperativo um modo verbal cuja função discursiva favorece o desbotamento semântico, seria plausível supor que a forma resultante tivesse também uma função discursiva. Desse modo, a sustentação dessa hipótese forneceria uma evidência de que o ‘uai’ é um marcador discursivo.

CAPÍTULO IV
ORIGEM DE ‘UAI’
INVESTIGAÇÃO DE OUTRAS HIPÓTESES

1. Introdução

Esta parte destina-se a uma discussão sobre as hipóteses referidas no capítulo III em relação à origem de ‘uai’. Retomando, foram enumeradas 10 (dez). O objetivo aqui será permitir uma comparação entre as várias hipóteses e argumentar a favor de que a hipótese de Amaral, discutida no capítulo III, parece ser a mais adequada.

Descobrir a origem de um vocábulo de uma língua não é uma tarefa fácil, ainda mais quando há a hipótese de que seu surgimento tenha ocorrido em tempos remotos, em que a disponibilidade de dados é rara, insuficiente ou que estes, sequer, existam. Tratando-se de interjeições, os estudos ficam ainda mais difíceis por serem elementos típicos da modalidade oral. Vimos, entretanto, que encontrar a origem de uma interjeição não é, a rigor, impossível. Passemos, então, à investigação das hipóteses. São elas: (1) empréstimo britânico; (2) empréstimo italiano; (3) empréstimo espanhol; (4) empréstimo japonês; (5) empréstimo alemão; (6) empréstimo português; (7) empréstimo de língua indígena; (8) origem provincial; e (9) português rústico. A hipótese de Amaral foi discutida no capítulo III. Diferentemente da investigação feita para o desenvolvimento diacrônico de ‘olhai’, as hipóteses analisadas aqui serão tratadas do ponto de vista do empréstimo linguístico.

2. Investigação das hipóteses

2.1 Empréstimo britânico

Sabe-se que, no século XIX, a região de Nova Lima-MG foi explorada por imigrantes europeus, principalmente britânicos que ali fundaram uma mineradora para extração de ouro. Esse contato entre imigrantes e moradores da região - trabalhadores da mina - favoreceu, sem dúvida, troca de hábitos, costumes e modos de falar.

Do ponto de vista histórico-social, tomemos como foco a mina de Morro Velho, pois de acordo com historiadores, esse era o ambiente mais propício para as trocas linguageiras entre falantes nativos e ingleses durante a primeira metade do século XIX. Britânicos e brasileiros viviam, geograficamente, isolados e os contatos limitavam-se ao cotidiano da mina:

(...) the Morro Velho gold mine has always been the fundamental force in shaping the history of Nova Lima. Gold gave birth to the community, nurtured it, and molded it into the town one sees today(...) The prosperity of the mine also stimulated the growth of the British community at Morro Velho. Although the British and Brazilian communities knew no absolute physical boundaries both were more or less separate geographical entities. The Brazilians referred to the British housing as “the colônia inglesa”, and the British even to the present refer to Nova Lima as “the village”. (EAKIN, 1981:336).

Do ponto de vista linguístico, a ênfase recai sobre as interjeições do inglês britânico. Serão aqui investigadas aquelas interjeições cuja pronúncia é idêntica ou parecida com o item em estudo. Sem descartar, é claro, a relação semântica entre as unidades léxicas.

Grossi (1981) conta que a mina de Morro Velho era de propriedade da família do padre Antônio Freitas e passou a ser explorada a partir da segunda década do século XVIII. Inicialmente, trabalhavam na mina apenas escravos e brasileiros. Em 1814, esses trabalhadores totalizam 146 pessoas, sendo 122 escravos. Como a história de tantos outros arraiais, a mina de Morro Velho entrou em decadência e foi reativada com capital inglês após a independência

política em 1822. A empresa inglesa St. John d'El Rey passou a explorar a região a partir de 1834.

Eakin (1981) registra que em 1830 a população local era de 1.390 habitantes, subindo para 14.066 em 1890. É importante esclarecer que, embora os brasileiros se referissem aos britânicos como ingleses, a comunidade “britânica” não constituía um grupo homogêneo. Havia pessoas de diferentes regiões: Irlanda, Gales, Escócia, além de sul-africanos, norte-americanos e alemães. Ao longo do século XIX, inclusive depois da abolição da escravatura, a comunidade em Nova Lima se tornou ainda mais multicultural e multirracial. A região recebeu, ao longo das décadas do séc. XIX e séc. XX, estrangeiros de diferentes nacionalidades: africanos, chineses, japoneses, portugueses, espanhóis, italianos, entre outros. Além de imigrantes de outras regiões do país, inclusive retirantes nordestinos.

2.1.1 Mina de Morro Velho: o cotidiano dos trabalhadores

O trabalho na mina era composto por uma estrutura hierárquica. Havia a) o Capitão Geral, responsável pelo andamento do trabalho no interior da mina e era o único que usava chapéu; b) Os Capitães de Terno, que fiscalizavam as trocas de turno; c) os Patrões, que eram responsáveis pelo funcionamento de cada ‘stop’ (andar); d) os Feitores, que fiscalizavam os realces e faziam o desprendimento dos chocos (pedras) após a explosão de dinamites; e e) os Carreiros, encarregados de encher os carros de minério. Os cargos de chefia eram ocupados, em geral, por imigrantes europeus. Os trabalhadores comuns, quando conseguiam alguma ascensão, migravam de Carreiros para Feitores.

Grossi (1981:52) assim descreve a mina:

(...) uma pedra única, com uma só boca de entrada e saída, em cujo interior há depósitos de um gás líquido e mortal, pedra e ouro. Recortada por rampas e poços, seu formato lembra uma escada com 5 degraus e duas rampas. Os degraus são assimétricos.... Em cada poço transitam elevadores (gaiolas)... Cada gaiola tem duas portas de onde saem distintos planos ou andares em direção ao veeiro...As cavidades recebem dinamite. Sua explosão estilhaça o minério, que será conduzido à superfície para receber o tratamento que permitirá a obtenção do ouro.... O ar.... pelo sistema de cooling plants... produz refrigeração e ventilação... A ventilação é muito forte e empurra os homens, ameaçando-lhes o equilíbrio... O calor é superior a 40°...

Essa descrição revela que o trabalho era penoso e colocava em risco a vida dos trabalhadores. Estes vivenciavam diferentes situações. Destacam-se aqui aquelas que motivariam o emprego de interjeições, principalmente aquelas a que o falante recorre para exteriorizar uma surpresa ou quebra de expectativa, acepções típicas do item ‘uai’ conforme Batista (2009).

Sousa (1999) descreve o relato de um mineiro que, para dar idéia da periculosidade da mina, revela que a companhia havia mandado afixar, na entrada, os seguintes dizeres: ‘É certa a entrada, mas não garantimos a saída’.

Uma situação comum, relatada em Grossi (1981), era o feitor chamar os mineiros de mariquinhas. Essa provocação, geralmente, fazia-os trabalhar mais intensamente. Outra situação era o sobe-e-desce dos bondes (ou gaiolas). O equilíbrio era no olho e o sinal de que tudo corria bem era dado por uma campainha. “A gente pensava: e se o maquinista tiver um desmaio? Um inimigo que estivesse subindo ou descendo?”, conta um mineiro.

Outros relatos em Sousa (1999) também revelam o padecimento dos trabalhadores da mina. Há relatos de que os negros só trabalhavam embriagados devido à força das circunstâncias do serviço e dos maus-tratos que recebiam. Vários mineiros foram vítimas de desabamentos.

Por outro lado, a criação lingüística parecia não ter limite nesse ambiente inóspito. A hospitalidade dos mineiros se dava apenas fora da mina:

Lá dentro (da mina) são verdadeiros diabos, xingam o céu, a terra e tudo o mais. Maltratam-se uns aos outros, desejam mal a seus companheiros, brigam, ameaçam e se duvidar até matam. (SOUSA, 1999: 48)

Era muito comum nomear, profanamente, ferramentas de trabalho. Em Souza (1999) encontramos algumas designações jocosas. O bonde (ou gaiola) era chamado de ‘irmã de caridade’; os cabos dos elevadores de ‘Cordão de São Francisco’; as dinamites de ‘hóstias consagradas’, etc.

Havia ainda os apelidos. Estes eram tradicionais e, na maioria das vezes, mantinham uma iconicidade com o comportamento do trabalhador. Dentre os apelidos, o autor cita: Zé Pingola, Raimundo Punheta, Catinguinha, Macaco, Tatu, Gente Boa, Bagunça, Cascavel, Bocetinha, Pega Rola, Coco, Xoxota Enxuta, Tesoura, Zói Torto, entre outros. As alcunhas não se limitavam à classe trabalhadora. Os ingleses, também por iconicidade, eram apelidados: Capitão Chapéu, Tatu Burro, Calça Amarrada, etc.

2.1.2 Empréstimos: casos registrados

Conforme Crystal (1988:93), empréstimos linguísticos são:

(...) formas linguísticas tomadas de uma outra língua ou dialeto’. Embora não seja tão comum, sons e estruturas gramaticais também podem ser emprestados. Às vezes, tanto a forma quanto a significação da palavra são assimiladas com alguma adaptação ao sistema fonológico da nova língua...

Diferentes estudos sobre a história de Nova Lima e da mina de Morro Velho registram a influência britânica no local. No âmbito social, verificam-se costumes típicos dos ingleses:

O chá com leite, que fora de Nova Lima não tem, nós aprendemos com os ingleses. (MINERAÇÃO MORRO VELHO, 1996:98)

No âmbito linguístico, vários vocábulos foram tomados de empréstimo e, geralmente, sofriam algum tipo de acomodação fonético-fonológica. O famoso bolo de natal, conhecido como ‘queca’, teria sido uma receita aprendida com os ingleses:

Era cake,; nós ficamos falando cake, cake... e virou queca. Acho que os próprios ingleses falam queca. (MINERAÇÃO MORRO VELHO, 1996:98)

Sousa (1999:54) registra outros termos:

(...) O gaioleiro toca o sinal para o maquinista, vai começar a descida rápida aos setecentos e quarenta metros do primeiro “shaft” (poço) que os mineiros chamam de “chafre”(...)

Além disso, essa perturbação fônica também era percebida na pronúncia de nomes próprios de chefes britânicos. O autor cita os casos de Tom Gafrey, George Jeffrie e Hary Lowes que eram, respectivamente, pronunciados como ‘Tomes Garfo’, ‘Jorgefe’ e ‘Arilouso’.

Evidencia-se assim que a correspondência fônica se dava, em vários casos, por semelhança e não por equidade. Esse fato amplia as possibilidades em relação à origem de ‘uai’ que poderá ter diferentes correlatos fônicos na língua em estudo.

2.1.3 ‘Uai’: possíveis percursos

Na seção anterior, observou-se que os britânicos exerceram forte influência linguística na fala dos habitantes de Nova Lima. Esse fato autoriza uma investigação sobre uma possível ‘importação’ de interjeições. Estudos anteriores levantaram a hipótese de ‘uai’ ter sua origem no advérbio interrogativo inglês ‘why’, dada a identidade fônica entre esses dois vocábulos. Para Albuquerque (2013), a entrada desse item na fala da comunidade pode ter sido por duas vias: (a) advérbio interrogativo como em ‘You hurt me. Why?’ (você me machucou. Por quê?) ou (b) transposição direta da interjeição inglesa ‘why’.

A hipótese (a) seria, linguisticamente, menos provável devido à complexidade da evolução diacrônica de um item interrogativo para interjeição. Além disso, os ingleses se comunicavam, ainda que com algumas imperfeições, em língua portuguesa. Espera-se que as

interjeições sejam manifestadas em língua materna, mas o mesmo pode não se aplicar a outras unidades léxicas recorrentes, como partículas interrogativas.

Com relação à hipótese (b), verifica-se que o cotidiano dos trabalhadores da mina motivava manifestações de surpresa, aflição e quebra de expectativa. Esse contexto fortalece a alegação de que a transposição tenha sido direta já que o uso de ‘why’ como interjeição foi atestado em dicionários como (Procter, 1995) e há exemplos de seu emprego no século XVI, em textos de Shakespeare:

Why surprise /hwai/ exclamation esp. am. or dated used to express surprise or annoyance. *Why*, if it isn't old Georgie Frazer! How are you after all these years? - *Why*, you greedy pig, you'd better not have eaten all those biscuits. (PROCTER, 1995)⁸

Bastard
 (...)What news abroad?
 Hubert
Why, here walk I in the black brow of night
 To find you out.
 (...)
 Bastard
 Who didst thou leave to tend his majesty?
 Hubert
Why, know you not? The lords are all come back (...) (SHAKESPEARE, 1988)⁹

Embora a definição apresentada em Procter (1995) afirma ser um uso especialmente americano, um levantamento feito no BNC¹⁰ – British National Corpus - mostrou que ‘why’, com a mesma acepção apresentada em Shakspeare (1988), é muito comum no inglês britânico:

8 *Why* surpresa/hwai/ exclamação especialmente americana ou datada [em desuso], usada para expressar surpresa ou aborrecimento. *Why*, se não é o velho Georgie Frazer! Como você vai, após todos esses anos? - *Why*, seu porco comilão, você não deveria ter comido todos aqueles biscoitos. (Tradução de Albuquerque).

9 B: Quais são as notícias do estrangeiro? H: *Why*, Ando pela face escura da noite somente para te encontrar. B: Quem deixaste para cuidar de Sua Majestade? H: *Why*, você não sabe? Os lordes todos voltaram. *Vida e morte do rei John* (SHAKESPEARE, 1988, p. 422) – (Tradução de Albuquerque)

10 Site para acesso ao BNC: <http://corpus.byu.edu/bnc/>. Acessado em abril/2012.

I have heard much more talk of her prettiness than I think it deserves. Her greatest excellence is that she is humble and courteous. Pamela, step hither. [PAMELA enters and is shown off to the visiting aristocrats.] LADY JONES: See that shape! VISITING LADY: I never saw such a face and shape in my life. L. DARNFORD: Why, she must be better descended than you have told me! (FU4, w_fict_drama:1987)

Uma possível forma de entrada desse item na língua pode ter sido via ‘code-switching’. Romaine (1995) assim define esse processo: ‘The juxtaposition within the same speech exchange of passages of speech belonging to two different grammatical systems or subsystems’. De acordo com a autora, esse cruzamento de itens de diferentes sistemas pode ocorrer tanto entre variedades de uma língua quanto entre línguas diferentes. Dentre os tipos de ‘code-switching’, a autora cita o ‘tag-switching’, que envolve a inserção de uma etiqueta em uma língua dentro de uma sentença que está completamente diferente em outra língua, como ‘you know’, ‘I mean’, etc. King (2000) explica que os ‘code-switches’ desempenham diferentes funções discursivas dentre as quais adicionar ênfase, fornecer comentário metalinguístico, entre outros como exteriorização de emoções¹¹.

As motivações pragmáticas decorrentes do cotidiano da mina poderiam favorecer a manifestação interjetiva por esse tipo de ‘code-switching’. Ou seja, os britânicos, naturalmente, poderiam proferir frases em português, devidamente acompanhadas por itens/expressões interjetivas de sua língua materna. O ensino/aquisição de marcas de expressividade, como as interjeições, não são foco ou tradição em programas de ensino de língua estrangeira. Em geral, os ingleses, dado o próprio isolamento social em relação aos nativos, poderiam não ter conhecimento tão extenso do português a ponto de fazer uso de interjeições dessa língua com proficiência.

11 Acréscimo meu.

King (2000) diferencia ‘code-switching’ de empréstimo. Para o autor, o empréstimo envolve a adoção de material da língua doadora pela língua alvo e o ‘code-switching’ ao uso de duas ou mais línguas na conversação. No caso específico de ‘uai’, é muito provável que sua entrada no dialeto tenha sido via ‘code-switching’ se considerarmos seu emprego, pelos ingleses, na periferia da sentença - como recurso expressivo diante da situação comunicativa -, acompanhado de frases em português. É fraca a ideia de que sua adoção tenha ocorrido de forma isolada ou empréstimo como ‘mouse’. Além disso, não é pacífica na literatura a distinção entre empréstimo lexical e ‘code-switching’. A discussão, de um modo geral, permeia aspectos morfossintáticos. Mas o importante aqui é entender a maneira mais provável da implementação dessa interjeição na fala dos nova-limenses.

Esse achado não nos impede, porém, de investigar outras interjeições britânicas que mantêm semelhança fônica com o item em estudo. O BNC apresenta uma lista com diferentes interjeições britânicas. Dentre estas, foram selecionadas apenas três por manterem similaridade fônica com o item ‘uai’: ‘what’, ‘well’ e ‘wow’. Vejamos as definições de tais interjeições em Procter (1995):

What¹² - /hwa:t/ (the) is used to show anger or surprise: ‘what the devil/hell are you doing to my car?’. (PROCTER, 1995: 1655)

Well¹³ - /wɛl/ exclamation used to introduce something you are going to say, often to show surprise, doubt, slight disagreement or annoyance, or to continue a story: ‘Well, what shall we do now?’. (PROCTER, 1995: 1652)

Wow¹⁴ - /waʊ/ exclamation infml used to show surprise and sometime pleasure: ‘wow! Did you make that cake? It looks delicious’. (PROCTER, 1995: 1688)

12 What – é usado para indicar raiva ou surpresa: ‘what (the hell/devil) você está fazendo ao meu carro?’ (Tradução minha)

13 Well – exclamação usada para introduzir algo que ainda será dito, geralmente para indicar surpresa, dúvida, discordância ou aborrecimento, ou para continuar uma história: ‘Well, o que fazemos agora?’ (tradução minha)

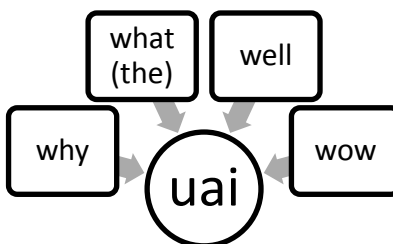
14 Wow – exclamação informal usada para indicar surpresa e algumas vezes agrado: wow! Você fez aquele bolo? Parece delicioso’. (Tradução minha)

Observe que, do ponto de vista semântico, apenas ‘what’ e ‘well’ favorecem a transposição direta, com alternância fônica, para ‘uai’. Os próprios exemplos representam situações de uso que seriam rotineiras no contexto da mina. Vale também observar que, no caso de ‘what’, há o alongamento da vogal /ɑ:/ e, em geral, o segmento consonantal final – no caso /t/ - tende a ser suprimido/travado. São características fônicas que contribuiriam ainda mais para a reprodução de ‘uai’ pelos falantes nativos, já que a alternância fônica era bastante comum nos casos de transposições.

No BNC, houve 725 ocorrências de ‘what the hell’ e 55 ocorrências de ‘what the devil’. A pesquisa do colocado ‘what the’ ou apenas ‘what’ bem como de ‘well’ não retornou resultado interessante, pois, com esses formatos, os itens podem desempenhar função diferente do fenômeno interjetivo. Mesmo assim, trata-se de uso bastante frequente na fala dos britânicos.

Em relação ao item ‘wow’, apesar de compartilhar semelhança sonora com uai, apresenta sentido diferente. Sem dúvidas, ainda que em menor número, deveriam ocorrer situações de admiração que motivassem o uso do vocábulo, porém, do ponto de vista linguístico, seria necessário explicar ou justificar a evolução semântica. Não é suficiente ser ou não interjeição, mas partilhar o mesmo sentido. No BNC, a busca retornou 477 ocorrências do item. Assim, embora menos evidente, não se pode excluí-lo das possibilidades.

Em suma, o empréstimo do inglês não se limita ao vocábulo ‘why’. O diagrama abaixo, ilustra e resume as possibilidades aqui discutidas.

DIAGRAMA 5: Possibilidades de empréstimo do inglês britânico

Com base nas informações sobre esses itens, é possível estabelecer alguns traços que nos permitam construir uma escala que aponte qual deles tem maior probabilidade de ter originado ‘uai’. Contrastemos, então, suas propriedades fônica e semântica.

Diagrama 6: Escala comparativa de traços fônicos e semânticos entre *uai* e *itens ingleses*

Interjeições	Identidade Fônica	Identidade Semântica
Why	+	+
What (the)	-	+
Well	-	+
Wow	-	-

De acordo com o diagrama 6, é possível propor que a probabilidade maior é da interjeição inglesa ‘why’. O item ‘what’ parece compartilhar mais semelhanças fônicas com ‘uai’ do que ‘well’. Sendo assim, pode-se resumir o diagrama 6 da seguinte maneira: why > what > well > wow.

Por fim, como afirmado na primeira seção, os britânicos não formavam, em Nova Lima, uma comunidade homogênea. Ao longo do século XIX, a região recebeu imigrantes de diferentes nações: espanhóis, italianos, alemães e, mais tardiamente, japoneses e chineses. Analisemos, então, outras possibilidades.

2.2 Dos italianos

De acordo com Trento (2000), a imigração italiana, no Brasil, comemorou 125 anos em 2000. A entrada desses imigrantes em massa teria ocorrido em 1880 com o objetivo de substituir mão-de-obra escrava no cultivo do café. Porém, a presença de italianos em território nacional já havia ocorrido antes mesmo da primeira metade do século XIX. Os imigrantes tinham dois destinos: núcleos coloniais e fazendas de café. Os maiores contingentes de imigrantes, antes de 1895, vieram da região de Vêneto. Segundo o autor, de cada dois italianos que chegava ao Brasil, um era dessa região.

Vale ainda registrar que, na ocasião, os grupos populares italianos falavam diferentes dialetos. Essas diferenças eram tão marcantes que dificultavam a comunicação entre indivíduos de regiões distintas. Raramente conseguia-se transpor a barreira da incompreensão linguística.

Os imigrantes chegavam no Rio de Janeiro e de lá seguiam, em grande maioria, para o sul do país. Outros destinos foram Espírito Santo e Minas Gerais, empregados, predominantemente, como parceiros no setor de café. No final do século XIX, com o crescimento urbano, principalmente na cidade de São Paulo, os italianos chegaram a representar a metade da população desse Estado. Na época, São Paulo causava a impressão de ‘cidade italiana’, sobretudo em alguns bairros do centro em que se evidenciavam empréstimos linguísticos em placas de lojas, nomes de ruas, construções, etc. De acordo com Trento (2000), os vários dialetos italianos pareciam ecoar mais do que o próprio português naquela região.

Outro fato interessante foi o número expressivo de publicações em italiano a partir do final do século XIX. Além de informativos, havia também jornais e revistas destinadas a diferentes públicos: publicações literárias, artísticas, humorísticas, femininas, esportivas, de

caráter regional e até para crianças. Uma das publicações mais famosas foi o jornal ‘Fanfulla’, que, nascido em 1893, tornou-se diário e assumiu o papel de porta-voz oficioso dos italianos em todo o Brasil.

Era também muito comum a mistura de falares italianos e brasileiros. Trento relata que um ‘portuliano’ foi testemunhado em algumas cartas enviadas à Itália. Palavras e expressões italianas eram adotadas pelos brasileiros, que, muitas vezes, provocavam acomodações fônicas como ocorreu com os imprescindíveis ‘ciao’ e ‘cincin’.

Sobre o legado cultural, é importante registrar também os numerosos espetáculos teatrais que eram encenados pelos italianos, desde o final do século XIX, nos campos de cultivo de proprietários ilustres com o objetivo de divertir os colonos. Essa prática representa uma forte via para a adoção de empréstimos linguísticos.

Sobre a presença italiana em Minas Gerais, Filgueiras (2011) comenta que a falta de mão-de-obra forçou agentes do governo mineiro a trazer italianos residentes no Estado do Espírito Santo. Como vimos, os imigrantes chegavam no litoral e lá permaneciam ou seguiam para o sul do país. A entrada desses no território mineiro teria ocorrido somente no final do século XIX, com a inauguração da capital Belo Horizonte.

Esses fatos históricos empobrecem a hipótese de ter ocorrido empréstimo linguístico do italiano de uma interjeição igual ou similar ao item ‘uai’ em épocas mais remotas, dado que não há registros de empréstimo parecido em outras localidades onde a presença italiana foi mais notável. Além disso, estes teriam chegado, em massa, em Minas Gerais bem depois do início da exploração da mina Morro Velho.

Cabe ainda registrar que Filgueiras (2011) investigou, em sua dissertação de mestrado, a presença de nomes italianos em nomes de rua da capital e, de fato, a herança foi marcante. Nomes de firma como ‘Armazéns Testi’, ‘Bebidas Monterani’ ou nome de rua como ‘Affonso Raso’ confirmam a influência estrangeira. Porém, o contato cultural ocorreu no final do século XIX, por volta de 1880, época em que a imigração no Brasil registrava estrangeiros de mais de 15 nacionalidades diferentes.. Mesmo assim, apesar da pouca probabilidade da implementação de ‘uai’ ter ocorrido via italiano, uma análise de interjeições desse idioma poderá contribuir para o fortalecimento ou não de tal hipótese.

Em sua gramática, Dardano (1997:379-380) cita várias interjeições do italiano: oh!, ahi!, ohimè!, puah!. Na internet¹⁵, houve algumas novidades: macchè!, magari!, basta!, boh!, bleh!, beh!, guai!. Dentre as interjeições, apenas ‘guai’ mantém semelhança fônica com ‘uai’:

Guai¹⁶ – Inter. Si usa in escl. per esprimere minaccia: guai a te se continui ancora!, Guai a voi!, Guai ai vinti! (Zingarelli, 1997:799)

Note que todas as ocorrências de ‘guai’, exemplificadas no dicionário, revela que esse item constitui um colocado, ou seja, parece manter relação de dependência com outros constituintes da frase. Essa obrigatoriedade o distanciaria do uso que se faz de ‘uai’, cuja independência sintática em relação ao conteúdo proposicional já foi atestada em trabalhos como Batista (2009). Mesmo assim, a redução sintática não pode ser descartada, considerando-se que, enraivecido pelas ameaças de seu superior ou indignado com as condições de trabalho, o trabalhador poderia exprimir seu sentimento de indignação pela repetição parcial da expressão ouvida. Se assim foi, a evolução fônica ‘guai’>’uai’ não impõe barreiras intransponíveis, dado

¹⁵ Site de onde foram retiradas as interjeições:

http://www.italianonaweb.com.br/gramatica/gra_gramatica_italiana_interjeicao.html e

http://en.wiktionary.org/wiki/Category:Interjections_by_language. Acessados em abril/2012.

¹⁶ Guai: interjeição. Se usa para exprimir ameaça. (Tradução minha)

que, comumente, empréstimos linguísticos externos tendem a sofrer adaptações fônicas da língua que os adota.

Por fim, essa hipótese italiana não encontra evidências nítidas como ocorreu com a hipótese britânica. O fato de não ter ocorrido empréstimos em outras regiões fortemente povoadas pelos italianos, bem como a falta de identidade fônica e funcional entre as interjeições ‘guai’ e ‘uai’ e a emigração em massa para Minas Gerais ter ocorrido no final do século XIX, não há como sustentar o pilar que se espera sobre a implementação desse item no dialeto mineiro. Fóscolo (1999), em seu romance, já havia registrado a ocorrência da forma ‘uai’ na fala de seus personagens, que participavam do cotidiano da mina Morro Velho. Em Arinos (2006), encontram-se usos de ‘uai’ na fala de personagens descritos como tropeiros e de origem mato-grossense. Por se tratar de contos e pelo fato de Arinos ser mineiro de Paracatu-MG, fica difícil reconhecer tais usos como típicos do dialeto a que pertencem os personagens ou se houve inserção, nessas falas, de marcas linguísticas do dialeto falado pelo autor. O que essa obra revela e permite inferir é a informação de que o item ‘uai’ já era recorrente desde meados do século XIX.

A possível herança italiana de ‘guai’, por encontrar respaldo apenas no início do século XX e por sofrer consequências de evolução diacrônica para ‘uai’, inviabilizaria ou contrariaria o reconhecimento do uso da interjeição por mineiros de Nova Lima em épocas precedentes.

2.3 Dos espanhóis

Klein (1994) argumenta que a imigração espanhola, assim como a italiana, foi motivada pelos acontecimentos que marcaram o final do século XIX, como a escassez de mão-de-obra decorrente da abolição da escravatura. Em 1880, segundo Klein (1994), migraram para o Brasil

1.275 espanhóis, obtendo um pico de 38.998 em 1893. Comparando esses números com o total de imigrantes portugueses (12.101), italianos (12936) e alemães (2385) no mesmo período, nota-se que a representatividade espanhola era muito pequena. A concentração desses imigrantes também ocorreu no Estado de São Paulo, já que o objetivo era suprir de trabalhadores as lavouras de café. A entrada de espanhóis no país teve início antes de 1880 e foi tornando-se cada vez mais acentuada ao longo do século.

Os imigrantes espanhóis constituíam uma classe minoritária no início da exploração do ouro em Nova Lima. É pouco provável que uma representação tão pequena desses grupos possa ter motivado a adoção e o uso de uma das marcas expressivas mais recorrentes do falar mineiro. De qualquer forma, qualquer contato linguístico, seja com um ou vários indivíduos de uma nacionalidade, pode ser suficiente para assimilação e espraiamento de um sinal linguístico. Nesse sentido, deve-se averiguar possíveis contribuições do sistema linguístico espanhol.

As interjeições do espanhol, aqui analisadas, foram coletadas em gramáticas da língua bem como no referido ‘wiktionary’. Dentre as interjeições elencadas, citam-se: a) da gramática RAE (2009: 2479-2493): ay!, vaya!, eh!, oh!, bah!ojo!, chitón!, guau!, cielos!, entre outras; e b) da internet¹⁷: alto!, auah!, guau!, guay!. Destacam-se aqui ‘guau’ e ‘guay’.

Brandão (2001:632) registra o vocábulo ‘guau’ como uma onomatopeia, equivalente a ‘uáu’ ou ‘au’:

Guau¹⁸ – m. onomatopeya de la voz del perro: ~, El perro ladraba sin cesar.

Já Salamanca (1996:794) reconhece o item também como uma interjeição:

17 Fonte: http://en.wiktionary.org/wiki/Category:Spanish_interjections. Acessado em abril/2012

18 Guau – onomatopeia para a voz do cão. ~O cão latia sem parar. (Tradução minha)

Guau¹⁹ – interj. Se usa para imitar el ladrido del perro. Se usa para expresar admiración y alegría: *Guau, qué maravilla de casa!*

De acordo com RAE (2001:1172), há três acepções para o vocábulo ‘guay’:

Guay²⁰ – (De la voz natural de lamentarse). Interj. Poét. (...) *Fr. Padecer grandes achaques o muchos contratiempos de la fortuna.*

Guay²¹ – *adj. Coloq. Esp. Muy bueno, estupendo.*

Guay²² – *Adv. M. coloq. Esp. Muy bien.*

Excetuando a equivalência de ‘guay’ com a interjeição indicadora de dor ou sofrimento ‘ay’, cuja motivação e evolução diacrônica para ‘uai’ é pouco provável, e o uso onomatopaico de ‘guau’, as demais acepções viabilizam empréstimos. Situações de incentivo e de admiração deviam ser comuns na mina de Morro Velho onde a superação física se dava todo instante.

Porém, os usos interjetivos de ‘guay’ e ‘guau’ divergem da manifestação expressiva de ‘uai’. Embora pertençam à mesma categoria, essas interjeições expressam estados emotivos pouco relacionais. Pesam, então, sobre essa hipótese as mesmas dificuldades apontadas para o italiano: falta de correlação semântica, ausência de identidade fonética e motivação social precária antes de 1880.

2.4 Dos japoneses

Yoshida (1980) relata que os primeiros imigrantes japoneses no Brasil chegaram ao porto de Santos em 1908. Klein (1994) registra a presença japonesa em território nacional somente a partir de 1904, compondo um total de 15.543 indivíduos. Dadas as evidências de que ‘uai’ teria

19 Guau – se usa para imitar o latido do cão. Se usa para exprimir admiração, alegria. ~Guau, que maravilha de casa. (Tradução minha)

20 Guay – (da voz natural de lamento.) Interj. Poet. (...) Fr. Padecer muitas dores ou grandes contratempos da sorte. (Tradução minha)

21 Guay – adj. Coloq. Esp. Muito bom, estupendo. (Tradução minha)

22 Guay – Adv. M. Coloq. Esp. Muito bem. (Tradução minha)

se implementado no dialeto mineiro no século XIX, possivelmente a partir das trocas linguageiras no interior da mina Morro Velho, é frágil a hipótese de uma possível contribuição japonesa. Além disso, não foi encontrada, nos recursos que dispomos, interjeição do japonês que tivesse algum correlato fônico com a forma ‘uai’.

2.5 Dos alemães

Klein (1994) registra que a presença alemã, no Brasil em 1880, era pouco numerosa, totalizando 2.385. Mesmo em número pequeno, tal presença é tão antiga quanto a dos britânicos. Nadalin (2000) assinala que de 1829 a 1852 o número de imigrantes alemães totalizava 420. É importante ressaltar que esse autor analisa a comunidade germânica presente em Curitiba-PR.

A grande massa migratória ocorreu no final do século XIX e sua concentração se dava no sul do país, mais especificamente em São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A mobilidade para Minas Gerais foi motivada na virada do século XIX para o século XX com a escassez de mão-de-obra nessa região. Como a extração do ouro em Minas, no início do século XIX, era de responsabilidade britânica, pessoas de outras nacionalidades representavam uma pequena parcela. A contribuição alemã, nesses termos, pouco difere das hipóteses já discutidas do sistema linguístico espanhol e italiano. De acordo com informações ‘wiktionary’, apenas ‘wau’ forneceria uma possível contribuição. O dicionário Drosdowski (1989) assim define esse item: ‘wau²³! ,interj.. (...): lautm. f`ur das Bellen dêr Hundes: w., w. machen’. Note que o item é uma expressão onomatopaica, não mantendo relações semânticas com a partícula em análise.

23 Waw, waw – interj. Usada para o latido do cão. (Google Tradutor)

2.6 Dos portugueses

Sobre a imigração portuguesa no Brasil, a história já é bastante conhecida. Os colonos passaram a habitar o território nacional a partir 1532. A princípio, o número de imigrantes era pouco significativo. O foco, nessa época, era a região nordeste e os imigrantes iam de ricos fazendeiros (nobres) a aventureiros ou degredados, motivados pela política das sesmarias. Desembarcaram também, na colônia, outros grupos como judeus (de Portugal e da Espanha), cristãos-novos, ciganos e holandeses. Lopes (2003), afirma que entre a metade do século XVI até o século XX, o Brasil era um centro de atrações dos portugueses. Segundo a autora, os maiores contingentes de imigrantes para o Brasil eram de origem lusitana, na época colonial.

Conforme Rodrigues (1999), entre a época da mineração e meados do século XIX, a maioria dos imigrantes portugueses provinham do norte de Portugal, região do Minho. De 1871 a 1913, de acordo com Lobo (1994), o Brasil recebeu imigrantes de diferentes regiões: Porto, Avieiro, Braga, Viana, Vizeu, Vila Real e Coimbra. Já na virada do século XIX para o XX, houve imigrantes de Bragança, Faro Gaurda e Leiria.

Lopes (2003), com base em Lobo (1999), explica que os imigrantes portugueses fixaram-se, principalmente, em Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Pará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em menor número, houve imigrações para outros estados. Grande concentração ocorreu, de fato, em São Paulo e Rio de Janeiro. Esta última, na virada do século XIX para o século XX, conforme a autora, concentrava um total de imigrantes portugueses equivalente a um terço de sua população.

Observa-se que a presença portuguesa em Minas Gerais era bastante acentuada. A maioria dos imigrantes dessa região vieram do norte de Portugal e uma pequena parcela da

região central. O romance de Fóscolo (1999), que busca retratar o cotidiano da mina Morro Velho, traz, na figura do Seu Morais, o Português astuto, negociante, trambiqueiro e avaro, buscando revelar o perfil social do português na região de Nova Lima no século XIX.

Apesar do contato linguístico entre portugueses e mineiros no século XIX e da presença desses imigrantes na mina de Morro Velho, antes mesmo da chegada dos ingleses, esse fato sócio-histórico encontra, pelo menos, uma barreira: a grande massa de imigrantes concentraram-se em São Paulo e Rio de Janeiro, lugares em que não há informações sobre o uso de ‘uai’, exceto no noroeste de São Paulo, que não representa uma região notória no recebimento desses imigrantes.

Além desse impasse, há possibilidade de empréstimo linguístico a partir do português de Portugal? Na categoria de interjeições que dá suporte a este texto, não foram encontradas formas no português de Portugal que mantêm semelhanças com o brasileiro ‘uai’. O dicionário eletrônico Aulete²⁴ registra a interjeição ‘uai’ como item do português brasileiro ou termo açoriano equivalente a ‘ah!’ ou ‘oh!’. Para essas interjeições, o referido dicionário apresenta as seguintes definições:

ah! interj.

1. Exprime admiração, alegria, tristeza, decepção, compaixão, espanto, indignação etc.: Ah, que pena! [F.: Do lat. *ah*.]

oh!

interje || om que se exprime alegria, desprezo, dor, repugnância, saudade, admiração e outros afetos da alma: *Oh!* que não sei de nojo como o conte. (Camões.) *Oh!* nome que me rasga o peito! *oh!* lembrança de dor, ideia amarga! (Garrett.) || *Oh!* quanta graça e formosura adorna teu rosto eloquente e vivo! (Gonç. Dias.) Cf. *ó!*

24 http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=uai. Acessado em abril/2012.

De fato, são interjeições que podem exprimir várias acepções. A de surpresa ou espanto compartilha usos típicos do item ‘uai’. Porém, duas observações merecem atenção: 1) as interjeições ‘Ah!’ e ‘Oh!’ fazem parte da categoria de itens que exprimem emoções do português brasileiro e não parecem competir com ‘uai’ e b) a imigração açoriana²⁵ foi mais acentuada no sul do país – onde não se faz uso de ‘uai’ como é atestado no Estado de Minas Gerais - devido aos objetivos da Coroa em expandir suas conquistas territoriais naquela região, além do que foi estipulado no Tratado de Tordesilhas. Essas informações mostram que a origem de ‘uai’ encontra pouca motivação nessa hipótese.

2.7 Dos índios

De acordo com a FUNAI²⁶, os habitantes do continente americano teriam vindo da Ásia há mais ou menos 12,5 mil anos atrás. A presença humana, no Brasil, teria tido início também nesse período. A população indígena, logo no início da chegada dos europeus, já era bastante numerosa, totalizando de 1 a 10 milhões de indivíduos.

Muitas comunidades indígenas foram dizimadas como os grupos da costa leste, falantes do tronco Tupi. Algumas comunidades conseguiram preservar sua língua. É o caso dos Maxacalis (Minas Gerais), Kokleng (Santa Catarina) e Fulniô (Pernambuco), todas pertencentes ao tronco Macro-jê. Os Guaranis, que ocupam regiões do sul e sudeste, também conservaram sua

25 TORRES, L. H. A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). Rio Grande. Biblos, Rio Grande, v.16, p.177-189, 2004. Disponível em: <http://repositorio.furg.br:8080/jspui/handle/1/159>. Acesso em: 04 out. 2012.

26 <http://www.funai.gov.br/>. Acessado em abril/2012.

língua. As demais comunidades falam apenas o português. O que restou são palavras esparsas usadas em rituais, além de expressões culturais.

Grupioni (2000) afirma que as línguas indígenas no Brasil, de modo geral, não dispõem de documentação escrita de épocas mais recuadas. Apenas o Tupinambá ou Tupi Antigo, o Guarani Antigo e o Kiriri possuem documentos dos séculos XVI e XVII. Isso dificulta a presente investigação. O autor também afirma que, no Brasil, há quatro grandes grupos de línguas indígenas, com distribuição geográfica extensa e com vários membros: Tupi, Macro-Jê, Aruak e Karib. Também há as famílias menores, com uma distribuição mais restrita, e as chamadas línguas isoladas por não manterem grau de parentesco com nenhuma das outras. São consideradas famílias de um só membro. Conforme Cunha (1992), impera na região de Minas Gerais as línguas do tronco Macro-jê. Dietrich (1997), que escreveu sobre o tronco Tupi e suas famílias linguísticas, não cita Minas Gerais entre os estados onde esse tronco exerceu influência.

Apesar desse recorte, carecemos, no momento, de dados dessas línguas que possam nos subsidiar na busca pela origem de ‘uai’ nas línguas indígenas. As informações de que dispomos até então é sobre comunidades em cujo nome aparece a sequência ‘uai’, como as tribos ‘Uaimiri’, que habita regiões da Amazônia e Roraima, ‘Waipixana’, região de Roraima, e os ‘wai-wai’ ou ‘uaiai’, da família Karib, também localizados na fronteira entre Roraima e Amazônia. Trata-se de informações muito superficiais e que não estabelecem laços diretos com o item em estudo já que esses registros ocorrem em regiões de influência de troncos ou famílias que não mantêm relação com o tronco linguístico predominante em Minas Gerais.

2.8 Origem provincial

Nesta seção é comentada uma reportagem do jornal correio brasiliense sobre a suposição da origem de ‘uai’ estar relacionada com a conspiração dos inconfidentes no século XVIII. Eis a reportagem²⁷:



A hipótese é realmente bastante curiosa, porém carece de informações sobre a história da Inconfidência Mineira que possam sustentar a ideia de que os conspiradores reuniam-se em porões e comunicavam-se através de senhas.

Chiavenato (2000) comenta que a conspiração foi uma iniciativa de ‘brancos ricos’ e proprietários, entres os quais padres, poetas, militares, advogados e negociantes. O único ‘pobretão’ era Tiradentes. Uma das explicações é que as classes sociais encontravam-se

²⁷ A reportagem foi retirada do site: <http://www.obreirosdeiraja.com.br/origem-da-epressao-mineira-uai/>. Acessado em abril/2012

segregadas e tinham interesses divergentes. O principal motivo do motim era o temor dos grandes proprietários em perder suas fortunas caso fosse aplicada a ‘derrama’. A solução era lutar por uma república para livrarem-se da falência.

Chiavenato (2000) relata que a maioria dos ricos contrabandeava para fugir dos impostos. Por serem detentores do poder, eram raras as ameaças dos ‘Dragões de Minas’. As autoridades eram constantemente subornadas pela elite contrabandista.

A escassez do ouro e a impossibilidade de cumprir a cota mínima exigida pela Metrópole – sufocada pelo imperialismo inglês – levou à necessidade de implantação da ‘derrama’. Esta representava uma ameaça aos bens adquiridos pelos grandes proprietários. Daí a necessidade de conspirar contra a Coroa.

Ao contrário do que afirma Galesso, os conspiradores não se reuniam em porões. Um dos encontros teria sido exatamente na residência da maior autoridade militar da capitania, o comandante dos Dragões, tenente-coronel Francisco de Paula Freire, conforme afirmação de Chiavenato (2000).

Essa mesma informação é também citada em Rezende (1983:39-40), acrescentando-se que o início da revolução seria no mesmo dia da fixação da ‘derrama’. Os conspiradores seriam alertados por uma senha que, segundo a autora, condizia com a frase ‘tal dia é o meu batizado’. Tiradentes, com ajuda dos Dragões de Minas, ficaria responsável pela agitação da comunidade e pela difícil tarefa de decepar a cabeça do visconde de Barbacena – então Governador. Há, inclusive, relatos de que o próprio visconde sabia da conspiração, pois os inconfidentes moviam-se descuidadamente, sem um sistema de segurança e as reuniões eram frequentadas por gente não muito confiável. O próprio tenente-coronel Freire de Andrade deixava as reuniões e ia

dormir na casa do Governador. Como não foi fixada a ‘derrama’, as consequências da conspiração dos Inconfidentes tomaram outro rumo, que não serão discutidas aqui.

Ora, com uma conspiração de iniciativa de grandes proprietários e com apoio do comando militar, fica difícil sustentar que os revoltosos precisavam se refugiar em porões e lançar mão de senhas para se protegerem da polícia lusitana.

O argumento de Galesso sobre a hipótese de ‘uai’ ter originado de uma senha na época em questão não encontra subsídios nem mesmo nas discussões sobre a formatação da bandeira da Inconfidência. Oliveira (1985) registra que Xavier havia sugerido para a Bandeira um triângulo dedicado à Santíssima Trindade, que foi acatado pelos demais. Sobre as letras que seriam impressas na bandeira, a discussão não foi além de frases em latim que culminou no verso do poeta romano Virgílio *libertas quae sera tamen*, traduzida como ‘liberdade ainda que tardia’. A tentativa de Galesso foi ancorar sua explicação nos princípios maçônicos como ‘liberdade’, ‘igualdade’ e ‘fraternidade’. Porém, a sigla ‘uai’ não mantém relação alguma com esses princípios e teve uma interpretação distorcida na reportagem.

A questão histórica não é a única que pesa sobre essa hipótese, do ponto de vista linguístico seria muito difícil explicar de que maneira uma senha – usada por um grupo limitado de falantes e que tende a circular somente entre eles – acabou se tornando uma das interjeições mais usadas pela comunidade local.

2.9 Português rústico: o item ‘guai’

O dicionário etimológico de Bueno (1974) registra que no português rústico existia o vocábulo ‘guai’ e ‘gué’ com a mesma acepção que temos hoje do item ‘uai’. Porém, o autor não exemplifica ou cita abonações que possibilite assegurar essa identidade semântica.

No capítulo destinado a interjeições, Said Ali (1971) registra que o significado das formas latinas ‘ei’, ‘heu’, ‘vae’ passaram em português a ‘ai’ e ‘guai’. Embora o autor afirme que a forma ‘guai’ não pudesse ter originado diretamente do vocábulo latino ‘vae’ (uma vez que a lábio-dental latina ‘v’ não teria sofrido tal mudança em românico), o sentido era o mesmo. A forma que teria dado origem a ‘guai’, de acordo com esse autor, é a exclamação gótica ‘wai’, à semelhança de ‘guisa’, ‘guerra’, resultantes do gótico ‘wisa’, ‘werra’.

Como testemunho do emprego dessas duas interjeições, o autor cita títulos de cantares antigos como ‘Ai Valença, guai Valença’. Além disso, ele apresenta um pequeno trecho de Romanagem de Agravados de Gil Vicente, em que a forma ‘guai’ é marcada como banida do falar de gente fina:

FREI PAÇO

A honra se vos abasta.
Se a moça he de boa linha,
Seu pae será de boa casta
E fidalgo mui asinha

BRANCA

Atada fica a canasta
Fidalgo: assi seria
Fidalgo por seu dolor.
Quem sabe a Brivia de cor.
E não acerta a Ave Maria.

Andava elle namorado,
E por, má ora, dizer ai,
Dizia-lhe guai,
E por dizer minha senhora,
Chamava-lhe minha sinoga.
Este he o negro de seu pai.

Fonte: Said Ali (1971:113)

Comum também era o uso de ‘guai’ por gente de raça judaica, enquanto os demais personagens de Gil Vicente empregavam ‘ai’ para expressar o mesmo sentimento – o de

incapacidade de resistir. Na luta entre essas duas variantes, o povo português teria elegido ‘ai’ como o recurso para exprimir a dor física, desfazendo-se da outra maneira de dizer.

Portanto, fica difícil sustentar a hipótese da herança do português rústico por dois motivos. Um deles é que a acepção de ‘guai’ não tem equivalência – seja fônica seja semântica - com o item ‘uai’. Segundo, teria sido a exclamação gótica ‘wai’ a responsável por dar origem à ‘guai’ e não o contrário, além do fato desta última, por não pertencer ao falar de prestígio, ter sido derrotada por sua concorrente – a interjeição ‘ai’-, inviabilizando a existência de ‘uai’ até os dias de hoje.

3. Conclusões

Neste capítulo, buscou-se sistematizar o conjunto de hipóteses, independentemente de terem sido formuladas ou não em textos acadêmicos, e discutir a viabilidade de cada uma delas.

Dentre as hipóteses discutidas, descartamos algumas e outras ficam em aberto. Dentre estas últimas, a hipótese do empréstimo britânico parece plausível. Entretanto, quando comparadas à de Amaral, discutida no capítulo III, aquela parece ter consequências gramaticais mais interessantes. Por isso, optamos por inseri-la em nossa origem. Mesmo assim, a questão sobre a origem de ‘uai’ continua em aberto. Novas pesquisas poderão mostrar se nossa opção foi a mais adequada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou desenvolver um tema pouco visitado: as interjeições. A análise da bibliografia específica permitiu o levantamento e a comparação de diferentes definições e exemplos, o que propiciou a discussão quanto ao estatuto de marcador discursivo dessa classe de palavras. Tais elementos forneceram um cenário no qual foi analisada a partícula ‘uai’.

A análise do comportamento sintático e discursivo de ‘uai’, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da teoria da variação, vistos no capítulo II, permitiu reunir novas evidências quanto ao estatuto de marcador discursivo desta partícula.

A hipótese que diz respeito à origem de ‘uai’, atribuída ao imperativo ‘olhai’, que vimos no capítulo III, permite identificar essa partícula como o resultado de um processo gramatical, em que houve perda de traços morfológicos, semânticos e fonológicos. Tais evidências, juntamente com as informações relativas a seu uso e distribuição permitem concluir que essa partícula não está fora da gramática da língua, mas seria um estágio avançado de gramaticalização²⁸.

A listagem e discussão do conjunto de hipóteses que compõem o capítulo IV tiveram o propósito de fornecer um quadro, o mais amplo possível, sobre um tema que, recorrentemente, tem merecido matérias na mídia.

Os fatos e interpretações apresentados nesta dissertação poderão, certamente, ser interpretados à luz dos estudos de gramaticalização. Essa tarefa, entretanto, ficará aqui como uma sugestão de pesquisa, a ser realizada em um outro momento. Outra tarefa deixada em aberto diz respeito à investigação da hipótese de empréstimo.

28 Por gramaticalização entendam-se as alterações da natureza dos itens em relação a três aspectos gramaticais, que tornam os fenômenos de gramaticalização distintos ou, ontologicamente, identificáveis. Assim, quando um item se gramaticaliza, sofre alterações sintáticas, muda de classe de palavra; semânticas: ‘esvazia-se’ semanticamente ou ‘perde conteúdo’; e morfofonéticas: ocorre ‘redução ou ‘diminuição’ de sílabas, sons e/ou acento. (VITRAL & RAMOS, 2006:19)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Iara. Hipóteses sobre a origem de uma interjeição. In: RAMOS , Jânia e COELHO, Sueli (orgs). Português brasileiro dialetal: temas gramaticais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. São Paulo: Hucitec, 1920/1976.

AMEKA, Felix. Interjections: the universal yet neglected part of speech. In: Journal of Pragmatics, 1992. vol. 18(2). pp. 101-118.

BARBOSA, Jeronymo Soares. Grammatica philosophica da lingua portuguesa ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem. 7. ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1881.

BATISTA, H. R. e CAMARGOS, M.A. Origem de uai: uma hipótese caipira. 2011. No prelo.

_____. Os itens uai, ué e uê nos dialetos mineiro e paulista: um caso de variação?. In: RAMOS , Jânia e COELHO, Sueli (orgs). Português brasileiro dialetal: temas gramaticais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

_____. Uai: história e uso. Monografia. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa: curso medio: com base na nomenclatura gramatical brasileira. 14 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1968. 461p.

_____. Gramática Escolar da Língua Portuguesa: para ensino médio e cursos preparatórios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. D.E.L.T.A, 1989, vol. 5, n.2: 185-224.

BRANDÃO, EDUARDO, 1946; BERLINER, CLAUDIA; UNIVERSIDAD DE ALCALÁ DE HENARES (MADRID). SENAS: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 1510 p.

BRINTON, L. Pragmatic markers in English. Grammaticalization and discourse functions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996.

BRITISH NATIONAL CORPUS (BNC). Corpus do Inglês britânico falado e escrito com um total de 100 milhões de palavras. 1980-1993. <http://corpus.byu.edu/bnc/>. Acessado em 16/03/2012.

BUENO, Francisco da Silveira. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. São Paulo: Edição Saraiva, 1963. v.1.

_____. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científico-sinônimos; contribuições do tupi-guarani. Santos; São Paulo: Brasília, 1974. 9v.

CAIXETA, G.F. *Macacos me mordam! Interjeição: uma classe no limbo do sistema lingüístico do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

CAMARA JUNIOR, J. Mattoso. Dicionario de linguística e gramática: referente a língua portuguesa. 11 ed. Petropolis: Vozes, 1984. 266 p.

CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto; SOUSA, Deraldo Ignacio de. Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portugueza. 5ª Ed. Salvador: Aguiar e Sousa, 1950.

CARRETER, Fernando L. Diccionario de términos filológicos. 3. ed. corr. Madrid: Gredos, 1968. p. 243.

CASTILHO, Ataliba. Português culto falado no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. pp. 247-317.

_____. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010. 768p.

CEGALLA, Domingos Pachoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 27. ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional. 1985. 556p.

CHAUI, Marilena de Souza; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Índios no Brasil. 4. ed. São Paulo: Global, 2000.

CHIAVENATO, J. José. Inconfidência mineira: as várias faces. São Paulo: Contexto, 2000.

COSTA, Antônio Gilberto. Os caminhos do ouro e a Estrada Real. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005. 244 p.

CRYSTAL, David. Dicionario de linguística e fonética. Rio de Janeiro: 1988. 275p.

CUNHA, Ceslo; CINTRA, Luis F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 714p.

CUNHA, Manuela Carneiro da SÃO PAULO (SP). Historia dos indios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP, 1992. 611p.

DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. La nuova grammatica della língua italiana. Bologna: Zanichelli., c1997. 746 p.

DICCIONARIO Salamanca de la lengua española. Madrid: Santillana; [Salamanca, Spain]: Universidad de Salamanca, c1996. 1726 p.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas: classificação e esboço tipológico. Editora Contexto, 1997. Disponível em: http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/PORTUGUES%20E%20O%20TUPI_CAP1.pdf. Acessado em abril/2012.

DROSDOWSKI, Gunther. Duden deutsches universal wörterbuch. 2. Völling neubearb. Und stark. Erweit. Aufl. Mannheim: dudenverlog. 1989. 1816p.

EAKIN, Marshall Craig. Nova Lima: life, labor and technology in an Anglo-Brazilian mining community 1882-1934. Los Angeles: University Microfilms Internaciontl, 1981. 523p.

FARIA, Ernesto. Dicionario escolar latino-portugues. 4. ed. [s.l.]: MEC, 1967. 1081p.

FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Globo. 55.ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FILGUEIRAS, Z. Ferreira. Marcas da Itália na toponímia de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011.

FÓSCOLO, Avelino; MALARD, Letícia; MIRANDA, José Américo. Morro velho: romance. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 203 p.

FRASER, Bruce. What are discourse markers? In: *Journal of Pragmatics*, n.31, 1999. pp. 937-950.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). Análise de textos orais. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. p. 60

GEHWEILER, E. From proper name to primary interjection: The case of *gee!* *Journal of Historical Pragmatics*. vol. 9 (1), (2008). pp. 71–93.

GONÇALVES, Miguel. *A interjeição em português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva*. Coimbra: FCG/FCT, 2002.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite Gonçalves. Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

GROSSI, Yonne de Souza. Mina de morro velho: a extração do homem: uma história de experiência operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 265p. (Estudos brasileiros; v.55)

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURYLOWICZ, J. *The Inflectional Categories of Indo-European*. Heidelberg: Carl Winter, 1964.

LABOV, William. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972. 344p.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 392p.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop?. In: SINGH, Rajendra. *Towards a critical sociolinguistics*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, c 1996. 342p.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization. A Programmatic Sketch*. Unpublished ms. . Köln: *Arbeiten des Kölner Universalien Projekts*, 1982, v.1.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. *Portugueses en Brasil en el siglo XX*. Madrid, Espana: Editorial MAPFRE, 1994. 439p.

LOPES, Mirtes Esteves. *A emigração portuguesa para o Brasil – Século XIX. O imigrante português em Belo Horizonte e o centro da comunidade lusobrasileira (1897-1930)*. Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana). PUCRS, Porto Alegre, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1991. 94p. V.82

_____. Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997. pp. 61-74.

_____. *Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. P. 133-145.

MARTÍN ZORRAQUINO, María Antonia & PORTOLÉS LÁZARO, José. Los marcadores del discurso. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española. Tomo III*. Madrid, Espasa, 1999, pp. 4051-4213.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998.

MINERAÇÃO MORRO VELHO; PIRES, Adriana Sudario; CUNHA, Jussara Maria Frizzera da; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Morro Velho: Historia, fatos e feitos=the story, events and achievements. Nova Ima, MG; 1996. 205p.

MOLLICA, Maria Cecília; CIPRIANO, Maria Luiza Braga. Introdução à sociolinguística: tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. 200p

NADALIN, Sergio Odilon. Imigrantes de origem germanica no Brasil: ciclos matrimoniais e etnicidade. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

NASCENTES, Antenor. Dicionario etimologico da lingua portuguesa. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932. 829 p.

NORRICK, Neal. Interjections as pragmatic markers. In: Journal of Pragmatics: An interdisciplinary Journal of Language Studies, 2009 May. vol 41(5). pp. 866-891.

OLIVEIRA, José Alves de. Aspectos da inconfidência mineira. Belo Horizonte: Sex. de Estado da Cultura, 1985.

PATOTA, Giuseppe. Garzanti italiano: i grandi dizionari. nuova ed. 2010. Milano: Garzanti Linguistica, 2009.

PEREIRA, Eduardo Carlos. Grammatica expositiva: curso elementar. 22^a ed. São Paulo; [Weiszflag]. 1922.

PIRES, Cornélio. Patacoadas: anedotas, simplicidades e astucias de caipiras : (com 'algumas' de estrangeiros...). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927. 218p.

PRETI, Dino. Analise de textos orais. 2. ed. São Paulo: FELCH/USP, 1995. 236p.

PROCTER, Paul (Ed.). Cambridge international dictionary of English. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

RAMOS, J. (2010b) Interjeição & gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora.. In VITRAL, L. e COELHO, S. Estudos de Processos de Gramaticalização em Português. Campinas: Mercado de Letras, p.315-332.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana Ribeiro de. C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 332 p.

REAL ACADEMIA ESPANOLA. Diccionario de la lengua española. 22. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 2001. 2 v.

REAL ACADEMIA ESPANOLA. Nuova gramática de la língua espanola. Madrid: Espasa Libros, 2009.

REZENDE, Maria E. Lage de. Inconfidência mineira. São Paulo: Global, 1983.

- RIBEIRO, João. Grammatica portugueza. 20^a ed. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1923.
- RISSO, Mercedes Sanfelice et al. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. v. VI - Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 21-48.
- ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali. GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb>>.
- ROCHA LIMA, Carlos H. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 43^aed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- RODRIGUES, VALESCA ANDRADE; RODRIGUES, FLAVIO HENRIQUE MARÇAL; SUGA, MAURO; INSTITUTO TANCREDO NEVES. Brasil 500 anos: balanços e perspectivas. São Paulo: Massao Ohno, 1999. 174p.
- ROST-SNICHELOTTO, Cláudia A. A emergência dos marcadores discursivos ‘olha’ e ‘vê’: investigação entre línguas. Paraná: Celsul, 2008. Disponível em: http://celsul.org.br/Encontros/08_index.htm. Acessado em: 08 abr 2013.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques [1755]. Ensaio sobre a origem das línguas. tradução: Fulvia M. L. Moretto. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- SAID ALI, Manoel. Meios de expressão e alterações semânticas. 3^a ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. 159 pp.
- _____. Meios de expressão e alterações semânticas. 2^a ed. ver. Rio de Janeiro: Ed. da Org. Simões, 1951. 219p.
- SAITO, Hiroshi. A presença japonesa no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. 243p.
- SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1990. pp. 31-40.
- SCHOURUP, Lawrence. Discourse markers. *Língua*. v. 107. 1999. pp. 227-265.
- SERRANO, M.J. On the variability of syntax: some theoretical remarks. CAUCE. Revista de filologia e su Didáctica. 20/21: 1053-73. 1998.
- SHAKESPEARE, William. The complete sorks. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- SILVA, Thais Cristofaro, Fonetica e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 8 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.
- SOUSA, Jose Rodrigues de. As minas de ouro de Morro Velho. Belo Horizonte: O autor, 1999. 204p

VIARO, Mário E. A origem do 'uai'. Revista Língua Portuguesa: os perigos da gramática. Ano 7. Nº 75. jan/2012. pp. 20-22. Disponível em: www.revistalingua.com.br.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sócio-linguística. São Paulo: Ática, 1985. 96p.

TAVARES, M. A. . Variação na seqüenciação de informações no PB e no PE: especializações em subfunções seqüenciadoras. Rumos diversos?. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), São Paulo, v. XXXII, p. 1-2, 2003.

TOMMASO, Raso; MELLO, Heliana. Parâmetros de compilação de um corpus oral: o caso do C-ORAL BRASIL. Veredas - revista de estudos linguísticos: UFJF. v. 13. n. 2. Juiz de Fora: Editora UFJF., 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/11/ARTIGO-Tommaso-Raso-e-Heliana-Mello.pdf>. Acessado em maio/2013.

TRENTO, Angelo,. Os italianos no Brasil. São Paulo: Prêmio, 2000. 155p.

URBANO, Hudnilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). Análise de textos orais. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. p. 81-102.

WARDHAUGH, Ronald. An introduction to sociolinguistics. 5 ed. Backwell textbooks in linguistics, 2006. pp. 142-145

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin; BAGNO, Marcos. Empirical Foundations for a Theory of Language Change, in Lehmann & Malkiel. 1968.

_____. HERZOG, Marvin; BAGNO, Marcos. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. São Paulo: Parábola, 2006. 151 p.

WIERZBICKA, Anna. The Semantics of interjection. In: Journal of Pragmatics: An interdisciplinary Monthly of Language Studies, 1992 Sept. vol. 18 (2-3). pp. 159-92.

ZINGARELLI, Nicola; DOGLIOTTI, Miro; ROSIELLO, Luigi. Lo Zingarelli: vocabolario della lingua italiana. 12. ed. [Bologna]: Zanichelli, [1997].